

## Du XIX<sup>ème</sup> au XXI<sup>ème</sup> siècle: permanence et transformations de la solidarité en économie

## Do século 19 ao século 21: permanência e transformações da solidariedade em economia

**Jean-Louis Laville**

Conservatório Nacional das Artes e Profissões (CNAM – Paris)

**Tradução de Marie-Françoise Gérardin**

### **Du XIX<sup>ème</sup> au XXI<sup>ème</sup> siècle: permanence et transformations de la solidarité en économie**

**Résumé:** Les deux derniers siècles ont été marqués par l'utilitarisme tendant à absolutiser économie de marché et société de capitaux. Cette naturalisation inhérente à la modernité, et périodiquement réactualisée, qui soustrait l'économie au débat a cantonné la dynamique démocratique. Ce sont ces rapports entre démocratie et économie que la première partie de ce texte cherche à mettre en perspective pour aborder les difficultés du présent, avec l'idée directrice que l'action publique s'est progressivement inscrite dans la dépendance à la conception dominante de l'économie. La seconde partie de ce texte met en évidence que la démocratisation réciproque de la société civile et des politiques publiques est congruente avec une économie fondée sur la pluralité des principes économiques et des formes de propriété. A l'orée du XXI<sup>ème</sup> siècle, il apparaît clairement que la démocratie ne saurait subsister dans une société de marché. Notre devenir est lié à la possibilité d'une économie plurielle avec marché, c'est-à-dire à la capacité de ne plus soustraire les choix économiques à la délibération citoyenne.

**Mots-cle:** économie, socio-économie, solidarité, démocratie.

### **Do século 19 ao século 21: permanência e transformações da solidariedade em economia**

**Resumo:** Os dois últimos séculos foram marcados pelo utilitarismo procurando, 'absolutizar' a economia de mercado e a sociedade de capitais. Essa naturalização inerente à modernidade, e periodicamente atualizada, que subtrai a economia do debate, limitou a dinâmica democrática. São essas relações entre democracia e economia que a primeira parte deste texto procura discutir, abordando as dificuldades do presente, com a ideia diretora que a ação pública, progressivamente, colocou-se na dependência da concepção dominante da economia. A segunda parte deste texto põe em evidência que a democratização recíproca da sociedade civil e das políticas públicas está associada a uma economia fundada na pluralidade dos princípios econômicos e das formas de propriedade. Na orla do século 21 aparece claramente que a democracia não saberia subsistir numa sociedade de mercado. Nosso futuro está ligado à possibilidade de uma economia plural com mercado, isto é, à capacidade de não subtrair mais as escolhas econômicas à deliberação cidadã.

**Palavras-chave:** economia, socioeconomia, solidariedade, democracia.

### **From the 19th to the 21st Century: Permanence and Transformation of Economic Solidarity**

**Abstract:** For the past two centuries utilitarianism has sought to define the market economy and the society of capital as 'absolute'. The naturalization of these elements, which is inherent to modernity and periodically updated, has curtailed debate about economic models and limited democracy. The first part of the text discusses these relationships between democracy and the economy, considering current difficulties and guided by the idea that public action is progressively made dependent on the dominant conception of the economy. The second part of this text describes how the reciprocal democratization of civil society and public policies are associated to an economy based on the plurality of economic principles and forms of property. At the dawn of the 21st century it clearly appears that democracy does not know how to subsist in a market society. Our future is bound to the option of a plural market economy, in which economic choices are not subject to the deliberations of the citizenry.

**Key words:** economics, socioeconomics, solidarity, democracy.

Recebido em 14.12.2007. Aprovado em 16.01.2008.

## 1 Les rapports entre démocratie et économie

La Révolution française symbolise, la sortie des sociétés à statut dans lesquelles les rapports entre groupes sociaux étaient réglés par la tradition s'est traduite par la montée des incertitudes. Avec l'affirmation de l'universalité des principes de liberté et d'égalité, s'impose l'inquiétude sur les capacités humaines à éviter l'affrontement de tous contre tous. Comment se garder de l'emportement des passions, une fois que les barrières hiérarchiques ne garantissent plus la coexistence entre les différents corps?

Cette interrogation débouche, comme on le sait, sur une réponse d'une portée considérable: pour se garder de la violence des passions, il importe de donner plus de place à l'intérêt; cette motivation humaine est porteuse d'harmonie sociale puisque "le doux commerce" s'oppose à la guerre (HIRSCHMAN, 1980). Dès la première moitié du dix-neuvième siècle, l'économie politique suggère de pacifier la société par la diffusion de l'économie de marché. La poursuite de l'intérêt personnel qui progressivement, se confond avec l'intérêt matériel, est une activité civilisée et pacifique qui autorise une résolution du problème de confiance posé par Hobbes sans passer par une autorité despótica.

### La définition de l'économie: une question conflictuelle

L'entrée dans la modernité démocratique, si elle institue un type de rapports fondé sur la liberté et l'égalité, n'en résout pas pour autant la question de leur régulation. Le marché se présente dans ce contexte comme un principe de coordination pouvant contribuer à la résolution de celle-ci. Pour contenir la force destructrice des passions dans une collectivité affranchie de tout garant extérieur ou transcendant, le principe du marché est doté d'une vertu due à "l'innocence et la douceur du commerce et de l'enrichissement". La sphère économique marchande prend une importance grandissante dans l'organisation des rapports entre individus libres.

Les relations marchandes semblent susceptibles de réfréner la violence inhérente aux relations humaines et le comportement dicté par l'intérêt économique est doté d'un potentiel pacificateur dans un processus "qui finira par vider la notion d'intérêt de toute connotation autre qu'économique" (HIRSCHMAN, 1980). A partir du dix-neuvième siècle, les sociétés démocratiques confient une partie de leur régulation au marché, mû par une main invisible, qui fabrique du juste sans se soucier de justice, transformant les vices privés en bienfaits publics. Dans un monde où plane la menace du chaos, la poursuite d'activités lucratives et l'accumulation de richesses, dont la condition réside dans la levée des interdits restreignant les

## 1 As relações entre democracia e economia

A Revolução Francesa significa, para as sociedades, a superação de sua regulação pela tradição, o que produz o crescimento das incertezas nos grupos sociais. Com a afirmação da universalidade dos princípios de liberdade e igualdade, impõe-se a inquietude nas capacidades humanas de evitar o confronto de todos contra todos. Como guardar-se da fúria das paixões, uma vez que as barreiras hierárquicas não garantem mais a coexistência entre os diferentes corpos?

Essa interrogação oferece, como se sabe, uma resposta de um alcance considerável: para proteger-se da violência das paixões, importa dar mais espaço ao interesse; essa motivação humana é portadora de harmonia social já que o "doux comércio" opõe-se à guerra (HIRSCHMAN, 1980). Desde a primeira metade do século 19, a economia política propõe pacificar a sociedade pela difusão da economia de mercado. A perseguição do interesse pessoal, que, progressivamente, confunde-se com o interesse material, é uma atividade civilizada e pacífica que autoriza uma resolução do problema de confiança posto por Hobbes sem passar por uma autoridade despótica.

### A definição de economia: uma questão conflituosa

A entrada na modernidade democrática, se, por um lado, institui um tipo de relações baseado na liberdade e igualdade, não resolve, por outro lado, a questão da sua regulação. O mercado apresenta-se neste contexto como um princípio de coordenação, podendo contribuir com a sua resolução. Para conter a força destrutiva das paixões, numa coletividade sem protetor exterior ou transcendente, o princípio do mercado está dotado de uma virtude dada a "inocência e à *douceur* do mercado e do enriquecimento". A esfera econômica mercantil toma uma importância crescente na organização das relações entre indivíduos livres.

As relações mercantis parecem susceptíveis de frear a violência inerente às relações humanas e o comportamento ditado pelo interesse econômico está dotado de um potencial pacificador num processo "que acabará esvaziando a noção de interesse de qualquer outra conotação que não seja a econômica" (HIRSCHMAN, 1980). A partir do século 19, as sociedades democráticas confiam uma parte das suas regulações ao mercado, levado por uma mão invisível, que fabrica o justo sem preocupar-se pela justiça, transformando os vícios privados em benefícios públicos. Num mundo ameaçado pelo caos, a perseguição de atividades lucrativas e a acumulação de riquezas, cuja condição reside na retirada das proibições, restringindo os funcionamentos do mercado, parecem fornecer um fundamento realista a uma or-

funcionamentos do mercado, paraísso poder fornecer um fundamento realista a um ordem social viável qui présente l'avantage de la prévisibilité et de la constance tout en évitant le retour à l'ordre ancien.

Cependant, l'économie marchande n'a pu réaliser la promesse de paix sociale dont elle était porteuse. Au contraire sa diffusion fait naître une question sociale dont l'acuité tient à l'extension imprévue de la pauvreté.

Face à cette question sociale, pour les libéraux, il importe d'accélérer le processus de sortie des structures sociales hiérarchisées propres à l'ancien régime et de pousser plus loin la mise en place d'un ordre économique fondé sur l'intérêt. Leur coup de force consiste à postuler que l'avènement d'un marché suffit à réaliser le projet démocratique et la paix sociale par la simple conjugaison des intérêts individuels. Suivant A. Smith contre J. J. Rousseau (FERRY, 1991, p. 165-168), ils affirment que le bien public est le produit de ces intérêts et ne présuppose pas un accord des volontés. Le contrat marchand à lui seul peut faire office de contrat social. L'équilibre entre l'offre et la demande de travail ne peut que s'établir à partir du moment où l'État assure le bon fonctionnement des mécanismes de marché. Le marché en garantissant l'accès au travail suffirait à éliminer la pauvreté. De l'extension des droits civis découlerait une tendance à l'égalisation des conditions.

Cette version optimiste est profondément contestée par l'ampleur de la paupérisation qui interpelle cette prétendue auto-régulation. Au contraire, la contradiction entre la liberté politique et l'asservissement économique devient insupportable. Pour beaucoup de penseurs et d'ouvriers confrontés à la misère, l'ampleur intolérable des inégalités oblige à se tourner vers un autre mécanisme de coordination: la solidarité. Pour autant, la référence à la notion de solidarité n'est pas dépourvue d'ambiguïtés. Deux acceptions de la solidarité, se dégagent à propos desquelles Royaume-Uni et France apparaissent comme deux cas emblématiques.

### **La solidarité philanthropique**

Au Royaume-Uni, la charité était appréhendée au dix-neuvième siècle comme un principe social, une composante nécessaire à la société démocratique, contribuant à sa régulation par l'engagement volontaire altruiste. Les gouvernements victoriens avaient pour objectif de fournir un cadre de règles et de directives conçues pour permettre à la société de se prendre en charge dans une large mesure. Une grande partie des prestations sociales publiques étaient financées et gérées localement, la limitation du gouvernement central générant un ensemble "d'institutions intermédiaires" développées entre l'État et le citoyen qui faisaient partie intégrante du tissu de l'État. Ainsi, à la fin du dix-neuvième siècle, "les associations

dem social viável que apresenta a vantagem da previsibilidade e da continuidade, evitando ao mesmo tempo a volta à ordem antiga.

No entanto, a economia mercantil não conseguiu realizar a promessa de paz social. Pelo contrário, sua difusão criou a questão social cuja acuidade vem da extensão imprevista da pobreza.

Diante da questão social, os liberais preconizam acelerar o processo de retirada das estruturas sociais hierarquizadas próprias ao antigo regime e empurrar mais longe a estruturação de uma ordem econômica baseada no interesse. A força deles consiste em postular que a chegada de um mercado basta para realizar o projeto democrático e a paz social pela simples conjugação dos interesses individuais. Segundo A. Smith contra J. J. Rousseau (FERRY, 1991, p. 165-168), o bem público é o produto desses interesses e não pressupõe um acordo das vontades. O contrato mercantil por si só pode servir de contrato social. O equilíbrio entre a oferta e a demanda de trabalho só pode estabelecer-se a partir do momento em que o Estado assegura o bom funcionamento dos mecanismos do mercado. O mercado, garantindo o acesso ao trabalho, eliminaria a pobreza. Da extensão dos direitos civis originar-se-ia uma tendência à igualização das condições.

Esta versão otimista está profundamente contestada pela amplitude do empobrecimento que interpela esta pretendida auto-regulação. Ao contrário, a contradição entre a liberdade política e a dependência econômica torna-se insuportável. Para vários pensadores e operários confrontados à miséria, a amplitude intolerável das desigualdades obriga um outro mecanismo de coordenação: a solidariedade. No entanto, a referência à noção de solidariedade é cheia de ambigüidades. Duas acepções da solidariedade libertam-se, tal como a do Reino Unido e a da França como dois casos emblemáticos.

### **A solidariedade filantrópica**

No Reino Unido do século 19, a caridade era vista como um princípio social, um componente necessário à sociedade democrática, contribuindo com a sua regulação pelo engajamento voluntário altruísta. Os governos vitorianos tinham como objetivo fornecer um quadro de regras e diretivas concebidas para a sociedade tomar conta dela. Uma grande parte das prestações sociais públicas era financiada e gerida localmente, levando o governo central a gerar um conjunto "de instituições intermediárias desenvolvidas entre o Estado e o cidadão". Assim, no final do século 19, "as associações canalizavam tanto dinheiro quanto os serviços encarregados da aplicação da lei dos pobres" (LEWIS, 1997, p. 169). O imperativo caritativo refletia uma visão particular de uma sociedade ética, na qual cidadãos motivados pelo altruísmo

canalisaient autant d'argent que les services chargés de l'application de la loi sur les pauvres" (LEWIS, 1997, p. 169). L'impératif charitable renvoyait à une vision particulière d'une société éthique dans laquelle des citoyens motivés par l'altruisme remplissaient leurs devoirs les uns envers les autres sur une base volontaire. Cette dynamique d'intérêt général ou d'aide à autrui a constitué, dans le monde anglo-saxon, une source de l'action associative, déterminante. A l'évidence, cette conception philanthropique de la solidarité fut et est encore aujourd'hui fortement marquée au coin de préoccupations libérales. Focalisée sur la 'question de l'urgence' et la préservation de la paix sociale, elle se donne pour objet le soulagement des pauvres et leur moralisation par la mise en oeuvre d'actions philanthropiques palliatives.

Cette acception de la solidarité a particulièrement marqué les représentations anglo-saxonnes des associations comme en attestent de fréquentes assimilations entre action bénévole et philanthropie, elle n'a rien d'une particularité insulaire. Elle est présente à des degrés divers dans chaque pays de l'Europe continentale. En témoignent les travaux de Donati (1996) qui définit l'association comme "privé social". Ils mettent en évidence combien la vision philanthropique n'est pas l'émanation d'un univers culturel spécifiquement anglo-saxon mais plutôt une position récurrente dans les discussions sur la nature des associations. Le don n'y est pas soumis à d'autres règles collectives que celles émises par les donateurs susceptibles d'en stabiliser les conditions d'exercice, il peut donc se convertir en instrument de pouvoir et de domination. L'inclinaison à aider autrui, valorisée comme un élément constitutif de la citoyenneté responsable, porte en elle la menace d'un don sans réciprocité, ne permettant comme seul retour qu'une gratitude sans limites et créant une dette qui ne peut jamais être honorée par les bénéficiaires. Les liens de dépendance personnelle qu'elle favorise risquent d'enfermer les donataires dans leur situation d'infériorité. Autrement dit, elle est porteuse d'un dispositif de hiérarchisation sociale et de maintien des inégalités adossé sur les réseaux sociaux de proximité qui peut s'exprimer à travers des choix apparemment anodins comme celui de classer les associations dans les organisations privées.

### La solidarité démocratique

A cette version 'bienveillante', s'oppose une version de la solidarité comme principe de démocratisation de la société résultant d'actions collectives. Cette seconde version suppose une égalité de droit entre les personnes qui s'y engagent. Indissociable de l'héritage révolutionnaire et de l'idéal républicain, elle a façonné en partie la réalité française. La fraternité révolutionnaire prétendait en effet bien rompre avec le langage de la charité pour

mo cumpriam seus deveres uns para com os outros, a partir de uma base voluntária. Esta dinâmica de interesse geral, ou de ajuda ao outro, constituiu, no mundo anglo-saxão, uma fonte da ação associativa, determinante. Incontestavelmente, esta concepção filantrópica da solidariedade era, e é ainda hoje, fortemente marcada pelas preocupações liberais. Focalizada na 'questão da urgência' e na preservação da paz social, ela tem como objeto a amenização dos problemas dos pobres e sua moralização, através das ações filantrópicas paliativas.

Esta aceção da solidariedade marcou as representações anglo-saxônicas das associações como atestam as frequentes assimilações entre ação benévola e filantropia. Está presente também, em diferentes graus, em cada país da Europa continental. Isso é provado pelos trabalhos de Donati (1996) que define a associação como "privado social". Os mesmos trabalhos destacam o quanto a visão filantrópica não é a emanação de um universo cultural especificamente anglo-saxão, mas antes uma posição recorrente nas discussões sobre a natureza das associações. A doação é submetida apenas a regras coletivas, emitidas pelos doadores susceptíveis de estabilizar as condições deste exercício; pode assim converter-se em instrumento de poder e de dominação. A inclinação para ajudar o outro, valorizada como um elemento constitutivo da cidadania responsável carrega nela a ameaça de uma doação sem reciprocidade, que só permite, como única volta, uma gratidão sem limites, criando uma dívida que não pode nunca ser honrada pelos beneficiários. As relações de dependência pessoal que a solidariedade favorece correm o risco de aprisionar o pobre numa situação de inferioridade. Em outros termos, é portadora de um dispositivo de hierarquização social e manutenção das desigualdades, apoiada nas redes sociais de proximidade que podem exprimir-se através de escolhas aparentemente anódinas, como a de classificar as associações nas organizações privadas.

### A solidariedade democrática

A esta versão 'benevolente', opõe-se uma versão da solidariedade como princípio de democratização da sociedade que resulta de ações coletivas. Esta segunda versão supõe uma igualdade de direito entre as pessoas que se comprometem. Indissociável da herança revolucionária e do ideal republicano deu forma em parte à realidade francesa. A fraternidade revolucionária pretendia, de fato, romper com a linguagem da caridade para substituí-la por uma política da solidariedade baseada no pertencimento de todos a um espaço político que conhece doravante apenas indivíduos livres e iguais.

No entanto, mesmo que a França tenha optado por esta política da solidariedade, governada pelo ideal



lui substituer une politique de la solidarité reposant sur la commune appartenance de tous à un espace politique qui ne connaît plus désormais que des individus libres et égaux.

Néanmoins cette politique de la solidarité régie par l'idéal de citoyenneté fut en France presque originellement méfiante à l'égard des associations volontaires. En témoigne la proscription, par le décret d'Allarde et la loi Le Chapelier, des associations économiques et professionnelles. Rien ne paraissait alors plus contraire à la liberté individuelle et au principe de souveraineté que ces associations de compagnons qui, pourtant, s'engageaient, pour quelques-unes d'entre elles au moins, dans un processus de sécularisation et de démocratisation en totale harmonie avec le nouvel ordre révolutionnaire. C'est dans ce contexte général de proscription et de répression, malgré des périodes plus tolérantes, que le mouvement ouvrier et socialiste naissant devient le laboratoire des formes associatives et des utopies de l'Association. C'est alors au nom de la solidarité que foisonnent les associations ouvrières entre 1830 et 1848.

Même de façon allusive, il faut ici souligner la dimension proprement politique de la solidarité ouvrière et de son idéal associationniste (CHANIAL, 2000). La question sociale, dont la misère ouvrière n'est qu'un aspect, est avant tout une question politique. Comme l'exprime le buchezien Corbon, "la démocratie dans l'ordre politique et la monarchie à peu près absolue dans l'atelier sont deux choses qui ne sauraient coexister longtemps". La République, cette "anarchie positive" selon P. J. Proudhon, se redéfinit alors comme une cité de travailleurs, mais aussi de consommateurs, librement associés. Irréductible à la figure sacralisée de l'Etat, la *res publica* s'ouvre à des figures plurielles, se diffracte au sein de la société (civile), principalement dans ses associations volontaires. Ainsi, pour échapper à un individualisme concurrentiel comme à un étatsisme autoritaire, l'ancien saint-simonien P. Leroux (1997), inventeur auto-proclamé du terme solidarité insiste sur l'établissement entre l'État et la société d'une communication qui suppose des groupes intermédiaires, l'amenant à préconiser que des corporations, conçues comme autant de micro-républiques, assument un rôle d'institution publique. Leroux table sur des réseaux de solidarité passant par l'atelier, ainsi que sur des associations ou la presse pour entretenir l'esprit public indispensable à la démocratie. Sa pensée entre en résonance avec les mouvements de l'époque. L'associationnisme ouvrier s'engage dans la recherche d'une économie qui pourrait être solidaire: l'organisation du travail qui reste à trouver pourrait fournir l'opportunité de mettre sur pied des entités productives qui inscrivent la solidarité au cœur de l'économie et où se mêlent la forme mutuelle, coopérative et syndicale. Ce projet d'une

de cidadania, também desconfiou das associações voluntárias. A proscrição, pelo decreto de Allarde e pela lei Le Chapelier<sup>1</sup>, das associações econômicas e profissionais foi uma prova disso. Nada parecia, então, mais contrário à liberdade individual e ao princípio de soberania que estas associações de companheiros que se comprometiam com o processo de secularização e de democratização, em total harmonia com a nova ordem revolucionária. É neste contexto geral de proscrição e de repressão, apesar de períodos mais tolerantes, que o movimento operário e socialista nascente torna-se o laboratório das formas associativas e das utopias da associação. É então, em nome da solidariedade, que abundam as associações operárias entre 1830 e 1848.

Mesmo de maneira alusiva, é necessário aqui sublinhar a dimensão propriamente política da solidariedade operária e do seu ideal associacionista (CHANIAL, 2000). A pergunta social, da qual a miséria operária é apenas um aspecto, é antes de tudo, uma questão política. Como exprime Corbon, "a democracia na ordem política e a monarquia mais ou menos absoluta, são duas coisas que não saberiam coexistir muito tempo." A República, esta "anarquia positiva", segundo P. J. Proudhon, redefine-se então como uma cidade de trabalhadores, mas também de consumidores, livremente associados. Irredutível à figura sacralizada do Estado, a *res publica* abre-se às figuras plurais, difrata-se na sociedade (civil), principalmente nas suas associações voluntárias. Assim, para escapar de um individualismo concorrencial e de um estadismo autoritário, o velho P. Leroux (1997), inventor auto-proclamado do termo solidariedade, insiste numa comunicação entre o Estado e a sociedade, supondo grupos intermediários, conduzindo-o a preconizar que corporações, concebidas como micro-repúblicas, assumem um papel de instituição pública. Leroux conta com redes de solidariedade com associações ou com a imprensa para manter o espírito público indispensável à democracia. O seu pensamento entra em ressonância com os movimentos da época. O associacionismo operário compromete-se na investigação de uma economia que poderia ser solidária: a organização do trabalho que precisa ser encontrada poderia fornecer a oportunidade de erigir entidades produtivas que inscrevem a solidariedade no centro da economia e nas quais se misturam a forma mútua, cooperativa e sindical. Este projeto de uma economia solidária ou fraterna é simbolizado pelo momento de 1848 quando atinge o seu apogeu antes de conhecer o refluxo.

É no fim do século 19, após o traumatismo de 1848, no qual é reprimida a voz operária, que a noção de solidariedade aparece para os republicanos como o meio para reconciliar os direitos individuais e a responsabilidade do Estado. Defendida por políticos, juristas ou sociólogos que se reclamam do 'solidarismo'

économie solidaire ou fraternelle est symbolisé par le moment 1848 où il atteint son apogée avant de connaître le reflux.

Après le traumatisme de 1848 où la répression sanctionne la prise de parole ouvrière, c'est à la fin du dix-neuvième siècle que la notion de solidarité apparaît comme le moyen pour les républicains de réconcilier les droits individuels et la responsabilité de l'État. Défendue par des hommes politiques, juristes ou sociologues qui se réclament du solidarisme (Bouglé, Bourgeois, Fouillée...), la notion de solidarité prend alors un sens nouveau. Elle désigne d'abord un fait scientifique. Pour les solidaristes, l'homme, sans même

qu'il le veuille ou le sache, est solidaire, c'est-à-dire associé. La société constitue en premier lieu une totalité où tous dépendent de chacun. Elle n'est pas régie, sur le modèle de la charité chrétienne, par la dette de tous envers Dieu, mais par la dette de tous envers la société. Ainsi, ne pas acquitter les obligations mutuelles qu'engendre la vie en société et qui résultent de la solidarité sociale équivaut à la violation d'un contrat. Dès lors, comme l'indique L. Bourgeois (1992), "le devoir social n'est pas une

pure obligation de conscience, c'est une obligation fondée en droit, à l'exécution de laquelle on ne peut se dérober sans une violation d'une règle précise de justice", et l'État peut imposer cette règle "au besoin par la force" afin d'assurer "à chacun sa part légitime dans le travail et les produits." La résolution de la question sociale suppose alors moins une nouvelle répartition des pouvoirs qu'un juste calcul propre à établir une répartition équitable des bénéfices et des charges de la solidarité sociale, dont la loi doit être l'expression concrète et l'État le garant. La recherche d'équilibre entre liberté et égalité se construit ainsi par dissociation et complémentarité entre l'économique et le social qui trouve sa formulation dans l'idée de service public arrimée à la notion de solidarité. L'État, expression de la volonté générale, devient dépositaire de l'intérêt général qu'il peut mettre en oeuvre grâce à l'action de l'administration. La légitimité de l'intervention de l'État est certes bornée par la solidarité sociale, mais elle renforce "sa puissance tutélaire" et "son rôle central de mise en forme de la société" (LAFORE, 1992). "L'État n'est plus seulement puissance souveraine, pouvoir de contraindre"; il devient "assurance mutuelle et le rapport social se moule sur la mutualité" (EWALD, 1986, p. 344). Basée sur le droit, l'intervention de l'État à destination des

(Bouglé, Bourgeois, Fouillée...), a notion de solidariedade toma, então, um sentido novo. Designa primeiro um fato científico. Para os solidaristas, o homem, sem mesmo querer ou saber, é solidário, ou seja, associado. A sociedade constitui, em primeiro lugar, uma totalidade na qual todos dependem de cada um. Não é governada a partir do modelo da caridade cristã, pela dívida de todos para com Deus, mas pela dívida de todos para com a sociedade. Assim, não pagar as obrigações mútuas que geram a vida em sociedade e que resultam da solidariedade social equivale à violação de um contrato. Portanto, como indica L. Bourgeois (1992), "o dever social não é uma

pura obrigação de consciência, é uma obrigação fundada em direito, da qual não se pode fugir sem uma violação de uma regra precisa de justiça", e o Estado pode impor esta regra "se necessário pela força" a fim de assegurar "a cada um, a sua parte legítima no trabalho e nos produtos". A resolução da questão social, então, supõe menos uma nova distribuição dos poderes do que um justo cálculo próprio a estabelecer uma repartição equilibrada dos benefícios e dos custos da solidariedade social, que deve ser

**... a procura de equilíbrio entre liberdade e igualdade constrói-se por dissociação e complementaridade entre o econômico e o social, encontrando a sua formulação na idéia de serviço público ligada à noção de solidariedade.**

expressa em lei e garantida pelo Estado. Assim, a procura de equilíbrio entre liberdade e igualdade constrói-se por dissociação e complementaridade entre o econômico e o social, encontrando a sua formulação na idéia de serviço público ligada à noção de solidariedade. O Estado, expressão da vontade geral, torna-se depositário do interesse geral, através da ação da administração. A legitimidade da intervenção do Estado limita-se, de fato, pela solidariedade social, mas reforça "a sua potência tutelar" e "o seu papel central de organização da sociedade" (LAFORE, 1992). "O Estado não é mais apenas potência soberana, poder de coerção", mas torna-se "previdência mútua e a relação social modela-se sobre a mutualidade" (EWALD, 1986, p. 344). Baseada no direito, a intervenção do Estado relacionada aos cidadãos-assalariados impõe-se como adaptação pragmática das teorias da coesão social preocupadas a evitar a contradição entre o 'individualismo' e o 'coletivismo'.

A história do século 19 prova-o: a expansão da economia de mercado não se fez pela harmonia dos interesses. São as mudanças do quadro institucional que forneceram progressivamente às indústrias nascentes a força de trabalho que reclamavam. Esta aposta ao trabalho operou-se através da transformação dos modos de vida tradicionais e pela supressão

citoyens-salariés assujettis s'impose comme adaptation pragmatique des théorisations de la cohésion sociale soucieuses d'éviter le double écueil de "l'individualisme" et du "collectivisme".

L'histoire du dix-neuvième siècle le prouve: l'expansion de l'économie de marché ne s'est pas faite par l'harmonie des intérêts, loin de là. Ce sont les changements du cadre institutionnel, qui ont fourni progressivement aux industries naissantes la force de travail qu'elles réclamaient. Cette mise au travail s'est opérée à travers la destruction des modes de vie traditionnels et la suppression de protections anciennes. D'abord, la misère et la pauvreté poussent les paysans à s'expatrier en ville. Puis, après cet exode, vient l'éradication des formes d'auto-organisation collective. Enfin, pendant toute cette période, les pouvoirs publics confortent la solidarité philanthropique au détriment d'une solidarité démocratique toujours soupçonnée de cacher des menées révolutionnaires. Au sortir d'une phase d'intense créativité et de violence, où se sont affrontées différentes possibilités de construction de l'économie, l'instance étatique conforte une économie marchande constituée à partir de la libre circulation des marchandises, dans laquelle le pouvoir dans les unités de production est lié à la détention du capital. L'entreprise moderne apparaît dotée d'un compte de capital "au regard duquel toute mesure prise devient objet de calcul, c'est-à-dire un objet en fonction de quoi sont évaluées les chances d'échange bénéficiaire" (WEBER, 1991, p. 15). L'entreprise capitaliste, par l'accumulation de moyens qu'elle autorise, permet de tirer parti de l'extension du domaine marchand concurrentiel. La reconnaissance de la société par actions donne les moyens d'une concentration de capitaux inédite puisque les droits de propriété peuvent être échangés sans que les détenteurs aient besoin de se connaître, la médiation de la bourse garantissant parallèlement une liquidité à leurs avoirs. Dans la mesure où le compte de capital est devenu universel, il est désormais - et avec lui les chances d'opérations marchande - l'horizon tant de l'échange des marchandises que celui de la production" (WEBER, 1991, p. 15). Dès lors le libéralisme économique, malgré la contestation marxiste, s'impose. L'acceptation du politique et de l'économie s'en trouve modifiée.

### **Etat social et marché: un compromis socio-économique**

Le désencastrement politique de l'économie est ainsi porté par le libéralisme, mais contrairement à ce qu'a pu estimer K. Polanyi minimisant la dynamique démocratique, il n'a jamais pu s'accomplir entièrement car il aurait signifié une inconcevable perte de légitimité.

de proteções antigas. Primeiro a miséria e a pobreza levam os camponeses a expatriar-se na cidade. Após este êxodo, vem a erradicação das formas de auto-organização coletiva. Por último, durante este período, os poderes públicos reforçam a solidariedade filantrópica em detrimento de uma solidariedade democrática sempre suspeita a esconder pistas revolucionárias. Ao sair de uma fase de intensa criatividade e violência, em que se enfrentaram diferentes possibilidades de construção da economia, a instância estatal reforça uma economia de mercado, constituída a partir da livre circulação das mercadorias, na qual o poder nas unidades de produção é ligado à detenção do capital. A empresa moderna aparece dotada de uma conta de capital "sob o olhar da qual, qualquer medida tomada torna-se objeto de cálculo, ou seja, um objeto, em função do qual, são avaliadas as possibilidades de troca" (WEBER, 1991, p. 15). A empresa capitalista, pela acumulação de meios que autoriza, permite tirar partido da extensão do domínio comercial concorrencial. O reconhecimento da sociedade por ações dá os meios para uma concentração de capitais, inédita, dado que os direitos de propriedade podem ser trocados sem que os detentores tenham necessidade de se conhecer, pois a mediação da bolsa assegura paralelamente, uma liquidez de seus ativos. "Na medida em que a conta do capital tornou-se universal, é, doravante - e com ele, as possibilidades de operações comerciais -, o horizonte, tanto da troca das mercadorias, como o da produção" (WEBER, 1991, p. 15). Portanto, o liberalismo econômico, apesar da contestação marxista, impõe-se. A acepção da política e da economia encontra-se alterada.

### **Estado social e mercado: um compromisso socioeconômico**

O 'desencastramento'<sup>3</sup> político da economia é, assim, levado pelo liberalismo, mas contrariamente a K. Polanyi, que minimizava a dinâmica democrática, nunca pode realizar-se inteiramente porque teria significado uma inconcebível perda de legitimidade.

Os espaços públicos populares, que testemunham um questionamento político da economia, não foram apenas revoltas esporádicas, mas geraram reivindicações, conduzindo à institucionalização de formas jurídicas de empresas, não seguindo a maximização do rendimento capitalista. O associacionismo pioneiro, após lutas severas e, apesar das suas derrotas, chega a estatutos jurídicos que incluem uma parte das suas reivindicações, particularmente a legalização de associações de classe: órgãos de defesa como os sindicatos, combinações de agrupamentos de pessoas e de atividades econômicas não controladas pelos investidores, como as cooperativas e as associações de mutualidade. Estes estatutos introduzem

Les espaces publics populaires témoignant d'un questionnement politique sur l'économie n'ont pas été que des révoltes sporadiques, ils ont engendré des revendications conduisant à l'institutionnalisation de formes juridiques d'entreprises ne reposant pas sur la maximisation du rendement capitalistique. L'associationnisme pionnier débouche après des luttes sévères et malgré ses défaites sur des statuts juridiques qui reprennent une partie de ses demandes, à savoir la légalisation d'associations de personnes: organes de défense comme les syndicats, combinaisons de groupements de personnes et d'activité économique qui ne sont pas contrôlées par les investisseurs comme les coopératives et les mutuelles, rassemblements pour l'action commune avec les associations. Ceci dit, ces statuts introduisent des différenciations contraires à l'élan associationniste initial. Les syndicats se singularisent dans leur rôle de représentation de travailleurs. Les coopératives sont distinguées des mutuelles, les premières devenant une forme particulière de société de capitaux centrée sur la fonction de production ou de consommation alors que les secondes se concentrent sur la fonction de secours; les activités créées pour défendre une identité collective en s'ajustant aux règles du système dont elles font partie vont en retour profondément modifier les relations d'entraide qui étaient à leur origine. Le statut d'association, quant à lui, moins étroit dans son objet, se voit limité dès lors qu'il est couplé à une activité économique. Logiquement, les différentes structures issues de l'associationnisme pionnier apparaissent de plus en plus séparées. L'éclatement est induit par des statuts séparant ce qui, auparavant, était réuni. Cette spécialisation dénote la baisse tendancielle de l'intervention de la sensibilité associationniste dans la sphère politique. Certes les expériences menées produisent des effets importants avec les sociétés de secours mutuel qui, par la prévoyance collective qu'elles activent, préfigurent et modélisent pour partie les mécanismes d'assurance. Néanmoins, la logique de réaction à l'égard des effets du capitalisme s'atténue au profit d'une logique d'adaptation fonctionnelle à ce mode de production.

Au-delà des statuts de ce qui est dénommé économie sociale (associations, coopératives, mutuelles), les espaces publics populaires par l'articulation propre à la solidarité démocratique entre action volontaire et responsabilité publique ont surtout fait avancer les droits sociaux. Ces droits sociaux vont progressivement atténuer la profondeur du gouffre séparant les détenteurs du capital et les prolétaires, possesseurs de leur seule force de travail. Face à la misère secrétée par la révolution industrielle se fait jour la nécessité de normes sociales de justice, dont l'Etat social se porte garant, susceptibles de corriger les nombreuses perturbations engendrées par la diffusion de l'économie marchande. L'interdiction du

diférenciations contraires ao impulso associacionista inicial. Os sindicatos singularizam-se no seu papel de representação dos trabalhadores. As cooperativas são distintas das associações de mutualidade: tornam-se uma forma particular de sociedade de capitais centradas na função de produção ou de consumo, enquanto as associações de mutualidade concentram-se na função de socorro; as atividades criadas para defender uma identidade coletiva, ajustam-se às regras do sistema do qual fazem parte, e vão modificar profundamente as relações de auxílio mútuo que foram sua origem. O estatuto de associação, menos estreito no seu objeto, torna-se limitado quando acoplado a uma atividade econômica. Logicamente, as diferentes estruturas procedentes do associacionismo pioneiro aparecem cada vez mais fragmentadas. O rompimento é induzido por estatutos que separam o que, anteriormente, era unido. Esta especialização denota a baixa tendencial da intervenção da sensibilidade associacionista na esfera política. Certamente, as experiências efetuadas produzem efeitos importantes com as sociedades de socorro mútuo que, pela previdência coletiva que ativam, prefiguram e modelam, em parte, os mecanismos de seguro. No entanto, a lógica da reação em relação aos efeitos do capitalismo, atenua-se em proveito de uma lógica de adaptação funcional a este modo de produção. Para além dos estatutos da economia social (associações, cooperativas, mútuas), os espaços públicos populares, através da articulação própria à solidariedade democrática, entre ação voluntária e responsabilidade pública, fizeram avançar o campo dos direitos sociais.

Estes direitos sociais vão progressivamente atenuar a profundidade do abismo que separa os detentores do capital e os proletários, possuidores da sua única força de trabalho. Perante a miséria segregada pela revolução industrial, são necessárias normas sociais de justiça, sendo o Estado social seu fiador, susceptíveis de corrigir numerosas perturbações geradas pela ampliação da economia de mercado. A proibição do trabalho das crianças e a limitação da jornada de trabalho são promulgadas por governos sujeitos à pressão operária. Gradualmente, o Estado social, nos países europeus, nos quais adquire mais amplitude, torna-se o fiador da solidariedade. Das relações solidárias horizontais baseadas no compromisso sucedem os direitos positivos à vocação universal, mas tornam a solidariedade mais abstrata e a confiam ao Estado.

Neste caso, o impulso associacionista, que tinha constituído a primeira reação da sociedade contra desregulamentos, causados pela divulgação do mercado, cedeu progressivamente o espaço à intervenção do Estado. O Estado elaborou um modo específico de organização, o social, que torna praticável a extensão da economia de mercado, conciliando-a com



travail des enfants, la limitation de la durée du travail sont promulguées par des gouvernements soumis à la pression ouvrière. L'État, expression de la volonté générale, devient dépositaire de l'intérêt général qu'il peut mettre en œuvre grâce à l'action de l'administration. Graduellement l'État social, dans les pays européens où il acquiert le plus d'ampleur, devient le garant de la solidarité; aux liens solidaires horizontaux qui reposaient sur l'engagement succèdent des droits positifs à vocation universelle, mais rendent la solidarité plus abstraite et la confient à l'État.

En l'occurrence, l'élan associationniste qui avait constitué la première réaction de la société contre les dérèglements occasionnés par la diffusion du marché a progressivement cédé la place à l'intervention de l'État. L'État a élaboré un mode spécifique d'organisation, le social, qui rend praticable l'extension de l'économie marchande en la conciliant avec la citoyenneté des travailleurs. Étant donné la place conférée à l'économie marchande, les fractures introduites par celle-ci doivent être corrigées par l'intervention réparatrice d'un État protecteur, d'où la conception d'un droit social composé d'un droit de travail dans l'entreprise et d'une protection sociale destinée à prémunir contre les principaux risques. La question sociale du dix-neuvième siècle a débouché sur la séparation de l'économique, dans son acception d'économie marchande, et du social, mode juridique de protection de la société qui s'élabore à partir du travail dans les deux registres liés du droit du travail et de la protection sociale. Un tel compromis fondé sur la séparation et la complémentarité entre marché et État social se renforce continuellement au cours des trois premiers quarts du vingtième siècle.

Économie sociale, droit social, État social: à l'évidence le social n'est pas seulement un biais pour calmer les passions politiques, comme le dit J. Donzelot (1984), ni uniquement le domaine de l'emprise de la nécessité sur l'action politique dont Arendt se défie. Il instaure plutôt un régime dans lequel l'autonomie de l'économie de marché est contrecarrée par des règles politiques conférant des formes de propriété et de sécurité aux travailleurs. Le mouvement politique ouvrier ne se résume pas au surgissement d'expériences révolutionnaires fugaces, il a engendré des modes d'institutionnalisation qui, s'ils n'ont pu réaliser l'espérance d'une société égalitaire moderne, ont néanmoins empêché que ne s'exerce la domination sans partage du pouvoir capitaliste. Le processus d'institutionnalisation évoqué dans la partie précédente de ce texte est attesté empiriquement par l'invention du social, dans ses apports comme ses limites. C'est après la Seconde guerre mondiale, sous la nécessité d'étayer les consensus nationaux, que la complémentarité entre État et marché prend toute son importance. L'État keynésien se donne alors pour tâche de favoriser le développement économique à travers

a cidadania dos trabalhadores. Visto o lugar conferido à economia de mercado, as fraturas introduzidas por ela devem ser corrigidas pela intervenção reparadora de um Estado protetor, por isso, a concepção de um direito social composto por um direito do trabalho na empresa e por uma proteção social destinada à prevenção dos principais riscos.

A questão social do século 19 chegou com a separação do econômico, na sua acepção de economia de mercado, e do social, modo jurídico de proteção da sociedade que se elabora a partir do trabalho, nos dois registros ligados ao direito do trabalho e à proteção social. Tal compromisso fundado na separação e na complementaridade entre mercado e Estado social reforça-se continuamente durante os três primeiros quartos do século 20.

Economia social, direito social, Estado social: incontestavelmente, o social não serve somente para acalmar as paixões políticas, como diz Donzelot (1984). Instaure, antes, um regime no qual a autonomia da economia de mercado é contraposta por regras políticas que conferem formas de propriedade e segurança aos trabalhadores. O movimento político operário não se resume ao aparecimento de experiências revolucionárias fugazes, mas gerou modos de institucionalização que, se não puderam realizar a esperança de uma sociedade igualitária moderna, impediram a dominação sem partilha do poder capitalista. O processo de institucionalização evocado na parte precedente deste texto é atestado empiricamente pela invenção do social, tanto nas suas contribuições como nos seus limites. É após a Segunda Guerra Mundial, a partir da necessidade de apoiar os consensos nacionais, que a complementaridade entre Estado e mercado toma toda a sua importância. O Estado keynesiano assume, então, a tarefa de favorecer o desenvolvimento econômico através de novos instrumentos de conhecimento e de intervenção. O Estado concentra novos meios para a ação econômica num contexto de interpenetração da administração e da economia comercial. O investimento público no ordenamento do território e os sectores industriais mais sensíveis, a política ativa em matéria de mercado de trabalho e salários, permitem encontrar fórmulas estáveis de acordo entre os interesses próprios das empresas e os interesses gerais da sociedade. A livre determinação dos salários pelos empregadores é substituída, sob o controlo do Estado, pela negociação periódica das convenções coletivas entre parceiros sociais, orientadas para os aumentos do salário nominal em conformidade com os lucros de produtividade antecipados e a inflação.

Mas, a principal inovação reside na importância tomada pelos rendimentos de transferência através dos quais o Estado social se transforma em Estado-providência: a instituição deste tenta realizar a promessa de

de nouveaux outils de connaissance et d'intervention. L'État concentre de nouveaux moyens pour l'action économique dans un contexte d'interpénétration, beaucoup plus accentuée qu'avant la guerre, de l'administration et de l'économie marchande. L'investissement public dans l'aménagement du territoire et les secteurs industriels les plus sensibles, la politique active en matière de marché du travail et de salaires, permettent de trouver des formules stables d'accommodement entre les intérêts propres des entreprises et les intérêts généraux de la société. La libre détermination des salaires par les employeurs est remplacée, sous le contrôle de l'État, par la négociation périodique des conventions collectives entre partenaires sociaux, orientées vers les augmentations du salaire nominal en conformité avec les gains de productivité anticipés et l'inflation.

Mais la principale innovation réside dans l'importance prise par les revenus de transfert à travers lesquels l'État social se mue en ce qu'on appellera l'État-providence: l'institution de celui-ci tente de réaliser la promesse de soustraire le citoyen aux risques liés à la maladie, l'accident, la maternité, la vieillesse ou l'inactivité forcée. S'adressant à une population marquée par la dépression des années 1930 et en recherche de justification pour ses sacrifices de guerre, la généralisation de la protection sociale doit contribuer à la sécurité de tous. L'État-providence prolonge les formes précédentes d'État social avec la sécurité sociale et la généralisation des systèmes de protection sociale. L'État encadre et soutient le marché autant qu'il en corrige les inégalités. La synergie entre État et marché se manifeste en particulier par la diffusion du statut salarial, grâce à un flux régulier de créations d'emplois et grâce à des gains de productivité élevés permettant des négociations salariales périodiques. Le statut salarial réalise un couplage inédit entre travail et protections qui en fait un vecteur privilégié d'intégration sociale.

Alors que s'installe le salariat, une frange croissante du mouvement ouvrier s'est détournée de l'auto-organisation collective pour s'orienter vers une stratégie frontale de lutte de classes, impliquant une organisation centralisée et une approche du syndicat comme courroie de transmission du parti. La priorité donnée à la conquête de l'appareil d'État, le rôle confié aux avant-gardes, la focalisation sur la propriété collective des moyens de production dans le changement révolutionnaire ont systématisé un mépris des cadres institutionnels démocratiques, ramenés à des superstructures au service de la bourgeoisie. Cette négligence marquée vis-à-vis de l'espace public a engendré la confusion que l'on sait entre contrôle de l'État et contrôle citoyen, l'étatisation autoritaire des infrastructures se couplant avec la surveillance policière des activités politiques dans un totalitarisme qui a constitué un tel repoussoir qu'il a fourni des

substrair o cidadão dos riscos ligados à doença, ao acidente, à maternidade, à velhice ou à inatividade forçada. Dirigindo-se a uma população marcada pela depressão dos anos 1930 e em busca de justificativas para os sacrifícios impetrados pela guerra, a generalização da proteção social deve contribuir para a segurança de todos. O Estado-providência prolonga as formas precedentes do Estado social com a segurança social e a generalização dos sistemas de proteção social. O Estado enquadra e apóia o mercado tanto quanto corrige as desigualdades. A sinergia entre Estado e mercado manifesta-se, em especial, pela divulgação do estatuto salarial graças a um fluxo regular de criação de empregos e graças aos lucros de produtividade elevados que permitem negociações salariais periódicas. O estatuto salarial realiza um acoplamento inédito entre trabalho e proteção que faz dele um vetor privilegiado de integração social.

Enquanto se instala o assalariado, uma franja crescente do movimento operário desviou-se da auto-organização coletiva para orientar-se para uma estratégia frontal de luta de classes, implicando uma organização centralizada e uma abordagem do sindicato como correia de transmissão do partido. A prioridade dada à conquista do aparelho de Estado, o papel confiado às vanguardas, a focalização na propriedade coletiva dos meios de produção e na mudança revolucionária, sistematizaram um desprezo aos quadros institucionais democráticos, trazidos às superestruturas a serviço da burguesia. Esta negligência, marcada no que diz respeito ao espaço público, gerou a confusão entre controle do Estado e controle cidadão, a estatização autoritária das infra-estruturas, junto à vigilância policial das atividades políticas, num totalitarismo que forneceu argumentos constantes ao liberalismo sobre a inanidade de qualquer pretensão alternativa.

Por um lado, a economia social não pôde impulsionar uma transformação social. Concebendo-se a partir da centralidade do modelo cooperativo, representando-se como um conjunto de empresas coletivas, que devem impor-se ao mercado para convencer da necessidade da sua existência, tranca-se numa visão de mudança pela consolidação das experiências econômicas; como se o valor do exemplo fosse suficiente para difundir o modelo. O relativo sucesso econômico teve, em contrapartida, o retraimento do projeto da mudança social, através dos fenômenos bem conhecidos de isomorfismo institucional que atenua os seus traços específicos, concorrendo para a sua banalização. A constatação de uma inversão onde as relações da atividade econômica primam sobre as relações de associação originais, como previsto por Vienney (1994), pode ser considerado como o resultado lógico da trajetória de uma economia social que limitou a sua dimensão sociopolítica aos funcionamentos internos das organizações. Perdendo-se na procura de um crescimento do seu peso econômico, ne-

arguments constants au libéralisme sur l'inanité de toute prétention alternative.

Pour sa part, l'économie sociale n'a pas pu impulser une transformation sociale. En se concevant à partir de la centralité du modèle coopératif, en se représentant comme un ensemble d'entreprises collectives qui doivent s'imposer sur le marché pour convaincre de leur bien-fondé, elle s'enferme dans une vision du changement par la consolidation des expériences économiques; comme si la valeur de l'exemplarité suffisait à diffuser le modèle. La relative réussite économique a eu pour contrepartie l'effacement du projet du changement social, à travers les phénomènes bien connus d'isomorphisme institutionnel atténuant ses traits spécifiques et concourant à sa banalisation. Le constat d'un renversement où les rapports d'activité économique priment sur les rapports d'association originels, tel qu'opéré par C. Vienney (1994), peut être considéré comme l'aboutissement logique de la trajectoire d'une économie sociale qui a cantonné sa dimension sociopolitique aux fonctionnements internes des organisations. Se perdant dans la quête d'un accroissement de son poids économique, elle a négligé les ressorts politiques du changement au-delà du lobbying corporatiste et s'est concentré sur des formes de propriété d'entreprise au détriment d'une réflexion sur la construction des marchés et sur la place des autres principes économiques. L'économie sociale a également pâti de son éclectisme idéologique, intégrant une solidarité philanthropique encouragée par les pouvoirs notabiliaires et l'agrégant à la solidarité démocratique dont on a vu la manière dont elle avait été constamment réprimée.

### **Altermondialisation et nouveau questionnement politique de l'économie**

Contre une analyse de "l'invention du social" (DONZELOT, 1984) qui en fait un moyen de calmer les passions politiques, il importe de rappeler que le social n'émerge comme catégorie séparée qu'à partir de la dépolitisation de la question économique. C'est le renoncement à une extension de l'espace public dans l'économie qui fait émerger le social sous la responsabilité étatique au dix-neuvième siècle. Symbolisant la fonction de surveillance et de protection exercée par la puissance publique, le social constitue au vingtième siècle "l'une des formes de légitimation du politique"; mais ce n'est qu'au lendemain de la seconde guerre mondiale qu'est "enregistrée une mutation décisive caractérisée par une quadruple extension de l'économie, de l'industrialisation, du salariat et de l'action sociale étatique" (LAZAR, 2000, p. 341-352). Le couple formé par l'économie de marché et l'État social débouche sur le compromis fordiste (BOYER, 1987)

gligenciou as forças políticas da mudança para além do *lobbying* corporativista e concentrou-se nas formas de propriedade de empresa em detrimento de uma reflexão sobre a construção dos mercados e sobre o lugar dos outros princípios econômicos. A economia social sofreu igualmente do seu ecletismo ideológico, integrando uma solidariedade filantrópica incentivada pelo poder das elites, agregando-a à solidariedade democrática, constantemente reprimida.

### **Altermundialização e novo questionamento político da economia**

Contra uma análise "da invenção do social" (DONZELOT, 1984), como meio para acalmar as paixões políticas, importa recordar que o social emerge como categoria separada apenas a partir da despolitização da questão econômica. É a renúncia de uma extensão do espaço público na economia que faz emergir o social sob a responsabilidade estatal no século 19. Simbolizando a função de vigilância e de proteção exercida pelo poder público, o social constitui no século 20 "uma das formas de legitimação da política"; mas é apenas no dia seguinte da Segunda Guerra Mundial que "é registrada uma mutação decisiva caracterizada por uma quádrupla extensão da economia, da industrialização, do assalariado e da ação social estatal" (LAZAR, 2000, p. 341-352). A parceria formada pela economia de mercado e o Estado social chega ao compromisso fordista (BOYER, 1987) e providencialista (BÉLANGER; LÉVESQUE, 1991), próprio ao período de expansão dos Trinta Gloriosos. Reflete uma regulação do mercado pelos direitos atribuídos aos trabalhadores como também um movimento de desmercantização de certas atividades atestado pela criação de serviços sociais universais e gratuitos. Estas conquistas têm, no entanto, contrapartidas, tal como a limitação ao espaço nacional e a ausência de participação dos assalariados na organização do trabalho, como dos usuários na definição dos serviços que lhe são destinados.

O compromisso fordista tinha a sua coerência: a melhoria dos direitos sociais e do poder de compra, o consumo de massa tornado possível pelo desenvolvimento de atividades industriais com forte crescimento da produtividade vinham compensar o peso das hierarquias e a desqualificação das tarefas. A desagregação desta coerência coincide com a globalização que lhe é associada. A difusão do progresso técnico concomitante a uma internacionalização das trocas e de uma industrialização de países com baixas condições de vida provoca uma intensificação da concorrência comercial, entre as empresas, mas também entre os assalariados de um país, ou entre países.

A flexibilização do trabalho (DE NANTEUIL; EL AKREMI, 2005) traz à baila a discussão do caráter não mercantil de diferentes atividades. A burocratização, o

et providentialiste (BÉLANGER; LÉVESQUE, 1991) propre à la période d'expansion des Trente Glorieuses. Il témoigne d'une régulation du marché par les droits accordés aux travailleurs comme d'un mouvement de démarchandisation de certaines activités attesté par la création de services sociaux universels et gratuits. Ces acquis ont néanmoins des contreparties qui tiennent à l'espace national auquel ils se limitent, comme à l'absence de participation tant pour les salariés à l'organisation du travail que pour les usagers à la définition des services qui leur sont destinés.

Le compromis fordiste avait sa cohérence; l'amélioration des droits sociaux et du pouvoir d'achat, la consommation de masse rendue possible par le développement d'activités industrielles à forte croissance de productivité venaient compenser le poids des hiérarchies et la déqualification des tâches. La désagrégation de cette cohérence coïncide avec la globalisation qui lui est associée. La diffusion du progrès technique concomitante d'une internationalisation des échanges et d'une industrialisation de pays à faible niveau de vie entraîne une intensification de la concurrence commerciale, entre les entreprises, mais aussi entre les salariés à l'intérieur d'un pays comme entre pays.

La flexibilisation du travail (DE NANTEUIL; EL AKREMI, 2005) va de pair avec une remise en cause du caractère non marchand de différentes activités. La bureaucratisation, le gaspillage de ressources, l'inadéquation aux demandes de l'utilisateur seraient le propre du service public. Seul remède: retrouver là encore la supériorité des mécanismes de marché en privatisant les services publics (télécommunications, transport, énergie...) au nom de l'efficacité économique. En outre, la protection sociale n'échappe pas à une conversion partielle à travers l'extension d'un marché de l'assurance et de la sécurité. Ce sont aussi les activités précédemment démarchandisées grâce à l'État-providence qui sont touchées: culture, sport et loisirs, santé, action sociale, services aux personnes...

Le paysage que l'on découvre dans cette période de mutations est bien différent de celui qu'offrait la période d'expansion qui l'a précédée: les protections sociales attachées au travail sont remises en cause, des activités comme l'information ou la culture sont annexées par le marché, amenant certains à parler de capitalisme culturel ou cognitif. L'économie non marchande elle-même qui s'était constituée afin que la vie sociale soit en partie préservée du marché adopte des référentiels quasi-marchands. L'extension continue des échanges monétaires restreint la capacité d'auto-organisation des populations, qu'elles éprouvaient par exemple dans des activités non monétaires d'auto-production, et accroît leur dépendance à des revenus directs ou indirects (CÉRÉZUELLE, 1996); enfin, la conception

de desperdício de recursos, a inadequação às demandas do usuário seriam as características do serviço público. Único remédio: reencontrar a superioridade dos mecanismos de mercado, privatizando os serviços públicos (telecomunicações, transporte, energia...) em nome da eficiência econômica. Além disso, a proteção social não escapa a uma conversão parcial pela extensão de um mercado do seguro e da segurança. São também as atividades previamente desmercantilizadas graças ao Estado-providência que são afetadas: cultura, desporto e lazeres, saúde, ação social, serviços às pessoas.

A paisagem que se descobre neste período de mutações é bem diferente daquela oferecida no período de expansão que a precedeu: as proteções sociais ligadas ao trabalho são rediscutidas, as atividades como a informação ou a cultura são anexadas ao mercado, conduzindo alguns a falar de capitalismo cultural ou cognitivo. A economia não comercial, que tinha se constituído para que a vida social fosse preservada em parte do mercado, adota referenciais quase mercantis. A extensão contínua das trocas monetárias restringe a capacidade de auto-organização das populações, como, por exemplo, em atividades não monetárias de auto-produção, e aumenta a sua dependência a rendimentos diretos ou indiretos (CÉRÉZUELLE, 1996).

Enfim, a concepção das trocas monetárias sobre o modelo de mercado concorrencial reduz a autonomia do setor não comercial. Assistiu-se a um triunfo cultural do mercado no último quarto do século 20, a tal ponto que os defensores do liberalismo apresentaram-no como o único modelo possível. Mas, diante deste determinismo econômico e do agravamento inconcebível das desigualdades, tanto no nível nacional como internacional, iniciaram-se protestos nas concentrações da "antimundialização". Estas grandes manifestações reduziram o pessimismo veiculado pelo discurso da crise da política e do individualismo. Enquanto os Estados pareciam estar abalados irremediavelmente pela globalização e as razões da ação humana estar reduzidas ao estrito interesse material, aparecem hoje formas inéditas de compromisso público, baseadas na solidariedade renovada que recusa se deixar aprisionada nas fronteiras estreitas do Estado-nação.

Um contributivo essencial dos fóruns sociais, símbolos de uma sociedade cívica internacional emergente, é abrir novas concepções de mudança. O sentimento de impotência, que os fóruns permitiram ultrapassar, não vinha somente da força da ideologia neoliberal, vinha também das dificuldades para recolocar o debate sobre alternativas largamente dominadas por vanguardas impregnadas de tradição autoritária.

Estas, arrogando-se um direito de interpretação das reivindicações e ações coletivas, invalidaram qualquer tentativa que não lhes parecia em condições de 'derrubar o sistema'. O sucesso dos fóruns



des échanges monétaires sur le modèle du marché concurrentiel réduit l'autonomie du secteur non marchand. C'est donc bien à un triomphe culturel du marché auquel on a assisté dans le dernier quart du vingtième siècle à tel point que les tenants du libéralisme le présentent comme le seul modèle possible. Mais face à ce déterminisme économique et devant l'aggravation inouïe des inégalités, tant au niveau national qu'international, des protestations ont commencé à se faire entendre dans les rassemblements de "l'anti-mondialisation". Ces grandes manifestations ont mis à mal le pessimisme véhiculé par le discours de la crise du politique et du repli individualiste. Alors que les États semblaient être irrémédiablement ébranlés par la globalisation et les mobiles de l'action humaine pouvoir être réduits au strict intérêt matériel, apparaissent aujourd'hui des formes inédites d'engagement public. Elles se réclament d'une solidarité renouvelée qui refuse de se laisser enfermer dans les frontières étroites de l'État-nation.

Un apport majeur des forums sociaux, symboles d'une société civique internationale en émergence, est d'ouvrir sur de nouvelles conceptions du changement. Le sentiment d'impuissance que les forums ont permis de dépasser ne venait pas seulement de la force de l'idéologie néo-libérale, il tenait aussi aux difficultés de remettre en débat les visions alternatives largement dominées par des avant-gardes imprégnées de tradition autoritaire. Celles-ci, en s'arrogeant un droit d'interprétation des revendications et actions collectives, ont invalidé toute tentative qui ne leur semblait pas en mesure de "renverser le système". Le succès des forums tient à leur émancipation de cette rhétorique. De nombreuses initiatives, de tailles variées, ont pu y avoir droit de cité. La présence d'acteurs méfiants vis-à-vis de toute prétention à détenir la vérité du social-historique, mobilisés par la rencontre, a pesé dans l'inflexion de "l'anti-mondialisation" vers "l'altermondialisation". C'est de la rencontre que sont attendus la réflexion et un surcroît d'intelligibilité susceptibles d'alimenter l'action, non du charisme prophétique ou de l'imposition d'une ligne politique. Comme le défend Whitaker, l'un des initiateurs du Forum mondial, par leur organisation fragile mais originale, les forums préservant la diversité en leur sein, jouant un rôle d'incubateur de mouvements et non de mouvement social.

A l'évidence, avec le temps, les questions du contrôle, du leadership, de l'instrumentalisation par

vem da sua emancipação desta retórica. Numerosas iniciativas, de dimensões variadas, tiveram direito de expressão. A presença de atores desconfiados, no que diz respeito a qualquer pretensão de deter a verdade do social-histórico, mobilizados pelo encontro, pesou na inflexão da "antimundialização" para a "altermundialização". É do encontro que são esperados a reflexão e um acréscimo de inteligibilidade, susceptíveis de alimentar a ação e não do carisma profético ou da imposição de uma linha política. Como defende Whitaker, um dos iniciadores do Fórum mundial, pela sua organização frágil, mas original, os fóruns preservam a diversidade no seu seio e desempenham um papel de incubador de movimentos e não de movimento social.

Incontestavelmente, com o tempo, as questões do controle, da liderança, da instrumentalização pelas organizações mais estruturadas tornam-se mais presentes. As tensões resultantes não poderiam, contudo, fazer esquecer a amplitude da participação que se explica pela mutualização das experiências e a confrontação que elas permitem. Privilegiando a troca em relação às palavras de ordem, os fóruns foram os catalisadores de um desejo de política, anteriormente difuso. A sua dinâmica pode manter-se, para além dos encontros simbólicos, pois uma outra mundialização constrói-se no cotidiano; por isso, deve-se desenvolver a relação entre política e economia.

Portanto, ocorre a imbricação entre a aspiração política a uma outra mundialização e o reconhecimento de múltiplas iniciativas solidárias. Não é, por acaso, que os debates dos fóruns sucessivos atribuem um lugar crescente à economia solidária, visto que se trata de ligar a contestação política da globalização atual a práticas de cidadania econômica.

A adoção da denominação "altermundialização" sublinha o caráter indispensável de análises e de ações centradas na possibilidade de um 'outro mundo', sem solucionar os problemas de transição e com a consciência que a aceitação da democracia proíbe qualquer sonho de reconciliação final. É por isso que, pelo contrário de observações que olham com suspeita a altermundialização, é possível escolher a aposta da confiança no que diz respeito ao que se procura nesta constelação: entre a contestação dos dogmas ultraliberais e a recusa das fáceis chamadas à ruptura que a história do século 20 mostrou. Nesta perspectiva, preservando ao mesmo tempo a distinção conceptual entre esferas política e econômica, convém admitir que a continuação do processo de demo-

**... os debates dos fóruns sucessivos atribuem um lugar crescente à economia solidária, visto que se trata de ligar a contestação política da globalização atual a práticas de cidadania econômica.**

les organisations les plus structurées deviennent plus présentes. Les tensions qui en résultent ne sauraient cependant faire oublier l'ampleur de la participation s'expliquant par la mutualisation des expériences et la confrontation qu'ils permettent. En privilégiant l'échange par rapport aux mots d'ordre, les forums ont été les catalyseurs d'un désir de politique resté auparavant diffus. Leur dynamique ne peut se maintenir que si, au-delà des rencontres symboliques, une autre mondialisation se construit au quotidien; d'où le lien à opérer entre politique et économie.

D'où l'imbrication entre l'aspiration politique à une autre mondialisation et la reconnaissance de multiples initiatives solidaires. Ce n'est pas un hasard si les débats des forums successifs accordent une place grandissante à l'économie solidaire puisqu'il s'agit de relier la contestation politique de la globalisation actuelle à des pratiques de citoyenneté économique.

L'adoption de l'appellation altermondialisation souligne, contre les invocations simplistes à une harmonie restaurée entre économie et société, le caractère indispensable d'analyses et d'actions centrées sur la possibilité d'un 'autre monde', sans éluder les problèmes de transition et avec la conscience que l'acceptation de la démocratie interdit tout rêve de réconciliation finale. C'est pourquoi, à l'inverse d'observations qui regardent avec suspicion l'altermondialisation, il est possible de choisir le pari de la confiance vis-à-vis de ce qui se cherche dans cette constellation: entre la contestation des dogmes ultra-libéraux et le refus des trop faciles appels à la rupture dont l'histoire du vingtième siècle a montré l'inanité. Dans cette perspective, tout en préservant la distinction conceptuelle entre sphères politique et économique, il convient d'admettre que la poursuite du processus de démocratisation dans les sociétés contemporaines appelle une démocratisation de l'économie, ce qui suppose à la fois des régulations publiques renouvelées et la pénétration des principes démocratiques dans les activités de production, d'échange, d'épargne et de consommation. Sinon, la sphère politique ne peut que se restreindre continûment, l'économisme soustrayant à la délibération publique un nombre sans cesse croissant de sujets.

En réaction à un néo-libéralisme qui invoque la liberté économique pour invalider la préoccupation d'égalité, la possibilité d'une démocratisation de la société est dorénavant liée à un processus de réappropriation démocratique de l'économie en tant qu'activité sociale. Cette ré-inscription de l'économie dans des normes démocratiques ne peut pas émaner de la restauration du compromis antérieur qui subordonnait la solidarité à la croissance marchande, elle ne peut pas venir non plus d'un projet de changement global qui supposerait un contrôle politique sur l'économie. Elle ne peut que s'appuyer sur des pratiques, des formes d'engagement citoyen

cratização nas sociedades contemporâneas apela por uma democratização da economia, o que supõe ao mesmo tempo regulações públicas renovadas e a penetração dos princípios democráticos nas atividades de produção, de troca, de poupança e de consumo. Do contrário, a esfera política pode restringir-se continuamente e o economismo subtraindo da deliberação pública um número incessantemente crescente de temas.

Em reação a um neoliberalismo que invoca a liberdade econômica para invalidar a preocupação pela igualdade, a possibilidade de uma democratização da sociedade é, doravante, ligada a um processo de reapropriação democrática da economia como atividade social. Esta re-inscrição da economia nas normas democráticas não pode emanar da restauração do compromisso anterior, que subordinava a solidariedade ao crescimento comercial; ela não pode vir também de um projeto de mudança global que suporia um controle político sobre a economia. Pode apenas apoiar-se sobre práticas, formas de engajamento cidadão, alimentando, de acordo com os termos de Mauss, um movimento econômico das bases e protestando contra a banalização das formas de injustiça. Estas práticas, só podem ter êxito se impulsionarem uma criação institucional, que ratifica e incentiva a inserção dos mercados nas regras do direito, a mobilização dos princípios de reciprocidade e de redistribuição frente ao mercado e a diversidade das formas de empresa. A questão posta é, então, a de instituições que estejam em condições de assegurar a pluralização da economia para inscrevê-la num quadro democrático, que a lógica do lucro material compromete quando se torna única e sem limites.

O problema não é escolher entre sociedade civil e Estado, é encarar uma democratização recíproca da sociedade civil e dos poderes públicos (CHANIAL, 2001, p. 288-289; WALZER, 1997, 2000). O Estado democrático pode reencontrar uma legitimidade apenas se integrar no seu seio, possibilidades de participação maior para os assalariados e os usuários e, se for retransmitido por um associacionismo impregnado de solidariedade democrática. O Estado tem como responsabilidade facilitar a expressão do engajamento voluntário, expressão desta solidariedade democrática, de modo que a anomia ou as outras formas de solidariedade não ocupem toda a esfera social. O Estado social promoveu uma concepção da solidariedade centrada nos direitos individuais e na redistribuição; sendo indispensável, ela não é mais suficiente, se não for ampliada à promoção de bens comuns e de relações sociais baseadas no respeito aos princípios de liberdade e de igualdade. Esta fertilização cruzada da intervenção pública e da sociedade civil pela comum referência à solidariedade democrática não pode ocorrer se a monopolização da economia pelo mercado e a naturalização do capitalismo perdurar.

alimentant, selon les termes de Mauss, un mouvement économique d'en bas et protestant contre la banalisation des formes d'injustice. En même temps ces pratiques sont vouées à la marginalité si elles n'impulsent pas une création institutionnelle entérinant et encourageant l'insertion des marchés dans des règles de droit, la mobilisation des principes de réciprocité et de redistribution en sus du marché, la diversité des formes d'entreprise. La question posée est donc celle d'institutions qui soient en mesure d'assurer la pluralisation de l'économie pour l'inscrire dans un cadre démocratique, ce que la logique du gain matériel compromet quand elle devient unique et sans limites.

Le problème n'est pas de choisir entre société civile et État, il est d'envisager une démocratisation réciproque de la société civile et des pouvoirs publics (CHANIAL, 2001, p. 288-289; WALZER, 1997, 2000). L'État démocratique ne peut retrouver une légitimité que s'il intègre en son sein des possibilités de participation accrue pour les salariés et les usagers et s'il est relayé par un associationnisme imprégné de solidarité démocratique. L'État, quant à lui, a comme responsabilité de faciliter l'expression de l'engagement volontaire expression de cette solidarité démocratique, pour que l'anomie ou les autres formes de solidarité n'occupent pas toute la sphère sociale. L'État social a promu une conception de la solidarité axée sur les droits individuels et la redistribution; restant indispensable, elle ne suffit plus si elle n'est pas élargie à la promotion de biens communs et de relations sociales basées sur le respect des principes de liberté et d'égalité. Cette fertilisation croisée de l'intervention publique et de la société civile par la commune référence à la solidarité démocratique ne saurait advenir si la monopolisation de l'économie par le marché et la naturalisation du capitalisme perdure.

## 2 Les enjeux de l'économie plurielle

Pourtant, en raison de la catastrophe totalitaire, le capitalisme, malgré l'ampleur des inégalités sociales et les menaces inédites pesant sur l'environnement naturel, le capitalisme apparaît aujourd'hui pour la majorité des habitants de la planète comme le seul horizon perceptible.

Il est donc indispensable d'envisager l'opposition au capitalisme sur d'autres bases, que celle de la rupture radicale dominante au XX<sup>ème</sup> siècle. En ce début de XXI<sup>ème</sup> siècle, l'urgence est à un changement qui pour être durable ne peut être que démocratique dans ses finalités comme dans ses moyens. A cet égard, les apports de l'anthropologie et de l'histoire économiques permettent de penser la combinaison d'une critique et d'un "possibilisme" au

## 2 Os desafios da economia plural

Então, devido à catástrofe totalitária e, apesar da amplitude das desigualdades sociais e das ameaças inéditas pesando sobre o ambiente natural, o capitalismo aparece, hoje, para a maioria dos habitantes do planeta, como o único horizonte perceptível.

É, por conseguinte, indispensável encarar a oposição ao capitalismo sobre outras bases, diferente da ruptura radical dominante no século 20. Neste início de século 21, a urgência está numa mudança, que, para ser duradoura, pode ser apenas democrática nas suas finalidades, assim como nos seus meios. A esse respeito, os contributivos da antropologia e da história econômicas permitem pensar a combinação de uma crítica e de "um possibilismo" na acepção de Hirschman (1980); isto é, não se satisfazer de reivindicações, mas articulá-las com propostas que abrem o campo das possibilidades, o que de resto se esboça nos componentes do movimento altermundialista livres do extremismo autoritário. Sobre a vertente crítica, convém recordar o quanto a ortodoxia econômica procede de uma normatividade que nega. Sobre a vertente possibilista, contra a invalidação das experiências não capitalistas, é decisivo não negligenciar as forças de resistência, já ativas na sociedade presente. A reabilitação da política não pode vir unicamente de reformas constitucionais, é condicionada por uma renovação do engajamento e da deliberação públicos, que implicam em não endossar um determinismo que impede qualquer democratização da economia.

### Contra o reducionismo econômico

Deste ponto de vista, a reflexão de Polanyi (1983) sobre a definição da economia revela-se decisiva. O termo econômico, comumente utilizado para designar certo tipo de atividade humana, oscila entre dois pólos de significado. O primeiro, o sentido formal, que provém do caráter lógico da relação entre fins e meios: a definição do econômico, por referência à escassez, provém deste sentido formal. O segundo sentido, ou sentido substantivo, insiste nas relações e interdependências entre os homens e os meios naturais dos quais extraem a sua substância. A definição substantiva integra estes elementos como constitutivos da economia. Esta distinção entre a definição do econômico por referência à escassez e por referência à relação entre os homens e com o seu ambiente foi esquecida, o que provocou um reducionismo operado em três planos.

- **A autonomização da esfera econômica assimilada pelo mercado** constitui o primeiro plano. A ocultação do sentido substantivo da economia chega a uma confusão entre a economia e a economia mercantil. Esta assimila-

sens d'A.O. Hirschman; c'est-à-dire de ne pas se contenter de revendications, mais de les articuler avec des propositions qui ouvrent le champ des possibles, ce qui d'ailleurs s'esquisse dans les composantes du mouvement altermondialiste émancipées de l'extrémisme autoritaire. Sur le versant critique, il convient de rappeler combien l'orthodoxie économique procède d'une normativité qu'elle dénie. Sur le versant possibiliste, contre l'invalidation des expériences non capitalistes arguant de leurs limites, il est décisif de ne pas négliger les forces de résistance déjà actives dans la société présente. La réhabilitation du politique ne peut venir uniquement de réformes constitutionnelles, elle est conditionnée par un regain de l'engagement et de la délibération publics qui impliquent de ne plus avaliser un déterminisme empêchant toute démocratisation de l'économie.

### Contre le réductionnisme économique

De ce point de vue, la réflexion de Polanyi (1983) sur la définition de l'économie s'avère décisive. Le terme économique que l'on utilise couramment pour désigner un certain type d'activité humaine oscille entre deux pôles de signification. Le premier sens, le sens formel, provient du caractère logique de la relation entre fins et moyens: la définition de l'économique par référence à la rareté provient de ce sens formel. Le second sens, ou sens substantif, insiste sur des relations et des interdépendances entre les hommes et les milieux naturels où ils puisent leur substance. La définition substantive intègre ces éléments comme constitutifs de l'économie. Cette distinction entre la définition de l'économique par référence à la rareté et par référence au rapport entre les hommes et avec leur environnement a été oubliée, ce qui a entraîné un réductionnisme opéré sur trois plans.

- **L'autonomisation de la sphère économique assimilée au marché** constitue le premier plan. L'occultation du sens substantif de l'économie débouche sur la confusion entre l'économie et l'économie marchande. Cette assimilation est rendue possible dès que l'économie devient une science de la richesse, centrée sur l'allocation des moyens en situation de rareté, occultant des pans entiers de l'économie réelle. F. Braudel (1988) y a suffisamment insisté, l'économie de marché n'est qu'un fragment d'un ensemble plus vaste et la focalisation sur elle seule invisible "la vie matérielle". Plus fondamentalement encore, Polanyi précise que considérer le marché comme le principe économique par excellence relève de la prophétie autoréalisatrice. Dans les faits, les sociétés humaines ont mobilisé plusieurs de ces principes, le marché mais

ção torna-se possível, logo que a economia torna-se uma ciência da riqueza, centrada na atribuição de meios em situações de escassez, ocultando partes da economia real. Braudel (1988) insistiu suficientemente que a economia de mercado é apenas um fragmento de um conjunto mais vasto e sua focalização torna invisível "a vida material". Mais fundamentalmente ainda, Polanyi insiste que, considerar o mercado como o princípio econômico por excelência advém da competência da profecia auto-realizadora. Na realidade, as sociedades humanas mobilizaram vários destes princípios, o mercado, mas também a redistribuição, princípio segundo o qual a produção é entregue a uma autoridade central, que tem a responsabilidade de repartí-la, o que supõe um procedimento que define as regras das cobranças e da sua aplicação; e a reciprocidade corresponde à relação estabelecida entre grupos ou pessoas que têm apenas a vontade de manifestar uma relação social.

- **A identificação do mercado a um mercado auto-regulador** constitui o segundo plano. As hipóteses racionalista e atomista sobre o comportamento humano autorizam o estudo da economia a partir de um método dedutivo por agregação, graças ao mercado de comportamentos individuais, sem considerações para o quadro institucional no qual tomam forma. Considerar o mercado como auto-regulador, ou seja, como mecanismo de relação entre a oferta e a procura, conforme os preços leva a ocultar as mudanças institucionais que foram necessárias e a esquecer as estruturas institucionais que o torna possível. A explicação do mercado pela maximização do lucro mascara sua origem de um processo institucionalizado.
- Destes dois planos desenvolvidos por Polanyi, pode-se acrescentar um terceiro, desenvolvido por muitos autores entre os quais Marx (1965): **a identificação da empresa moderna como empresa capitalista**. Numa economia capitalista, fundada na propriedade privada dos meios de produção, a criação de bens supõe um lucro possível para os detentores de capitais. A empresa é "uma unidade econômica de lucro" para retomar os termos de Weber (1991).

### Um sistema com dominância capitalista

Nas nossas sociedades contemporâneas, mercado e capitalismo são, então, partes ligadas, pois é a complementaridade entre mercado auto-regulador e empresa de capitais que faz o sistema. Mas, nos três



aussi la redistribution, principe selon lequel la production est remise à une autorité centrale qui a la responsabilité de la répartir, ce qui suppose une procédure définissant les règles des prélèvements et de leur affectation; et la réciprocité quant à elle correspond à la relation établie entre des groupes ou personnes grâce à des prestations qui ne prennent sens que dans la volonté de manifester un lien social entre les parties prenantes.

- **L'identification du marché à un marché autorégulateur** constitue le deuxième plan. Les hypothèses rationaliste et atomiste sur le comportement humain autorisent l'étude de l'économie à partir d'une méthode déductive par agrégation grâce au marché de comportements individuels, sans considérations pour le cadre institutionnel dans lequel ils prennent forme. Considérer le marché comme autorégulateur, c'est-à-dire comme mécanisme de mise en rapport de l'offre et de la demande par les prix, conduit à passer sous silence les changements institutionnels qui ont été nécessaires pour qu'il adienne et à oublier les structures institutionnelles qui le rendent possible. L'explication du marché par la maximisation du gain masque qu'il relève d'un processus institutionnalisé.
- A ces deux plans développés par Polanyi, on peut en ajouter un troisième sur lequel ont insisté beaucoup d'auteurs dont K. Marx (1965): **l'identification de l'entreprise moderne à l'entreprise capitaliste**. Dans une économie capitaliste fondée sur la propriété privée des moyens de production, la création de biens suppose un profit possible pour les détenteurs de capitaux. L'entreprise est une "unité économique de profit" pour reprendre les termes de Weber (1991).

### Un système à dominante capitaliste

Dans nos sociétés contemporaines, marché et capitalisme ont donc partie liée puisque c'est la complémentarité entre marché autorégulateur et entreprise de capitaux qui fait système. Mais sur les trois plans qui viennent d'être mentionnés, la société a réagi pour cantonner et circonscrire le marché capitaliste.

- **Contre la réduction de l'économie au marché, le principe de la redistribution a été mobilisé.** Un autre pôle est tout aussi constitutif de la modernité démocratique que l'économie marchande, celui de l'économie non marchande qui correspond à l'économie dans laquelle la distribution des biens et services est confiée à la redistribution. L'économie

planos, que acabam de ser mencionados, a sociedade reagiu para delimitar e circunscrever o mercado capitalista.

- **Contra a redução da economia ao mercado, foi mobilizado o princípio da redistribuição.** Um outro pólo, tão constitutivo da modernidade democrática quanto à economia mercantil, é o da economia não-mercantil que corresponde à economia na qual a distribuição dos bens e serviços é confiada à redistribuição. A economia mercantil não conseguiu realizar a promessa de harmonia social da qual era portadora. Pelo contrário, com a emergência da questão social, é preciso promover instituições capazes de se contrapor aos efeitos destrutivos. Um outro princípio econômico, a redistribuição, foi mobilizado através da ação pública. O Estado social confere aos cidadãos direitos individuais.
  - **Contra a confusão entre mercado e mercado auto-regulador, operou-se sua delimitação e enquadramento institucional.** Legislações foram introduzidas para "socializar" o mercado, ou seja, inscrevê-lo num conjunto de regras, cujo édito resulta de decisões políticas. Os mercados existentes são regulados, mas distantes das normas do mercado concorrencial perfeito.
  - A isto se acrescentam **tentativas para criar e admitir a existência de empresas não-capitalistas.** Contrariamente às empresas capitalistas, certas empresas não são apropriadas pelos investidores, mas por outras partes envolvidas e, por conseguinte, seus objetivos diferenciam-se dos de acumulação do capital. Na avaliação da atividade econômica, são valorizados outros critérios que não a rentabilidade financeira, tais como: o acesso ao abastecimento, à qualidade da prestação de um serviço... Entre estas empresas figuram aquelas detidas pelos trabalhadores, pelos consumidores... Possuem estatutos jurídicos agrupados sob a denominação de economia social, onde a lucratividade é limitada e onde a constituição de um patrimônio coletivo é favorecida (mútuos, cooperativos, associações).
- A economia mercantil não é, então, a única forma de economia, assim como a empresa de capitais não é a única forma de empresa. As mútuas e associações que forneceram, no domínio da proteção social e das políticas sociais, a matriz de numerosas ações públicas, continuam a ser parte envolvida na previdência coletiva, assim como nos serviços sociais, com uma dependência maior ao Estado, em termos de financiamento e de regulamento. A formação deste vasto complexo de economia não-mercantil válida a

marchande n'a pu réaliser la promesse d'harmonie sociale dont elle était porteuse. Au contraire avec la montée de la question sociale, se fait jour la nécessité de promouvoir des institutions susceptibles d'en contrecarrer les effets destructeurs. Un autre principe économique que le marché, la redistribution, a été mobilisé à travers l'action publique. L'État social confère aux citoyens des droits individuels grâce auxquels ils bénéficient de protections.

- **Contre la confusion entre marché et marché autorégulateur, un cantonnement du marché s'est opéré par son encadrement institutionnel.** Des législations ont été introduites pour "socialiser" le marché, c'est-à-dire l'inscrire dans un ensemble de règles dont l'édiction résulte de décisions politiques. Loin de correspondre à la norme du marché concurrentiel parfait, les marchés existants sont régulés.
- A ceci, s'ajoutent **des tentatives pour fonder et donner droit de cité à des entreprises non capitalistes.** Contrairement aux entreprises capitalistes, certaines entreprises ne sont pas détenues par les investisseurs, mais par d'autres types de parties prenantes et, par conséquent, leurs objectifs se différencient de l'accumulation du capital. Dans l'évaluation de l'activité économique, ce sont d'autres critères que la rentabilité financière qui sont alors valorisés: l'accès à un approvisionnement, la qualité de prestation d'un service... Parmi les entreprises attestant de la diversité des types de propriétaires, figurent celles détenues par les travailleurs, les consommateurs... Elles relèvent de statuts juridiques regroupés sous l'appellation d'économie sociale, où la lucrativité est limitée et où la constitution d'un patrimoine collectif est favorisée (mutuelles, coopératives, associations).

L'économie marchande n'est donc pas la seule forme d'économie, pas plus que l'entreprise de capitaux n'est la seule forme d'entreprise. Les mutuelles et associations qui ont fourni dans le domaine de la protection sociale et des politiques sociales la matrice de nombre d'actions publiques continuent à être partie prenante dans la prévoyance collective comme dans les services sociaux, avec une dépendance accrue à l'État en termes de financement et de réglementation. La formation de ce vaste complexe d'économie non marchande valide l'intuition de Mauss selon laquelle la sécurité sociale constitue un prolongement de l'esprit du don, par le mixte d'obligation et de liberté contenu dans le principe de mutualisation. L'existence de cet ensemble confirme aussi la distinction qu'il avance entre système capitaliste et système à dominante capitaliste. Les

intuition de Mauss segundo a qual a seguridade social constitui um prolongamento do espírito da doação, pelo misto de obrigação e liberdade contida no princípio da mutualidade. A existência deste conjunto confirma também a distinção entre sistema capitalista e sistema com dominância capitalista. As instituições evolutivas da economia fazem coabitar economias frequentemente opostas, cujas relações dessimétricas não impedem a co-presença. Não há um modo único de organização da economia que seria a expressão de uma ordem natural, mas um conjunto de formas de produção e de distribuição que coexistem:

Não há sociedades exclusivamente capitalistas [...]. Há apenas sociedades que têm um regime, ou melhor – o que é ainda mais complicado – sistemas de regime de economia, de organização política; elas têm costumes e mentalidades que podem se definir, mais ou menos arbitrariamente, pela predominância de tal ou qual destes sistemas ou destas instituições (MAUSS, 1997, p. 565).

Para ele, as representações individuais induzem ações e práticas sociais que as instituições normalizam pela política, traçando o quadro no qual as práticas podem estender-se, e influenciando as representações. As instituições são variáveis porque são convenções sociais que, ao mesmo tempo, exprimem e delimitam o campo dos possíveis; o seu estudo permite adquirir "a consciência precisa dos fatos e a apreensão, ou a certeza das suas leis", ela ajuda também a distanciar-se desta "metafísica" que impregna "as palavras em ismo" como capitalismo (MAUSS, 1997, p. 535). Afirmar a existência de uma sociedade capitalista supõe uma coordenação perfeita das representações individuais; existe, em realidade, na dominante capitalista, uma dominância capitalista, já que "um sistema econômico compõe-se de mecanismos institucionais contraditórios, irreduzíveis uns em relação aos outros."

### Práticas e políticas para um pluralismo econômico

Em suma, durante os Trinta Gloriosos, a economia empírica apresenta uma mistura de liberalismo econômico e de corretivo social, contudo, o compromisso que ela realiza tem as suas fragilidades.

- O monopólio da criação de riquezas pela economia mercantil está endossado. O crescimento mercantil deve ser otimizado, de modo que as políticas sociais tomem mais amplitude, já que são condicionadas pelas cobranças efetuadas na economia de mercado. Em outros termos, a solidariedade é indexada ao desempenho da economia.

institutions évolutives de l'économie font cohabiter des économies souvent opposées, dont les relations dissymétriques n'empêchent pas la co-présence. Il n'y a pas un mode unique d'organisation de l'économie qui serait l'expression d'un ordre naturel, mais un ensemble de formes de production et répartition qui coexistent:

Il n'y a pas de sociétés exclusivement capitalistes [...]. Il n'y a que des sociétés qui ont un régime ou plutôt – ce qui est encore plus compliqué – des systèmes de régime d'économie, d'organisation politique; elles ont des mœurs et des mentalités qu'on peut plus ou moins arbitrairement définir par la prédominance de tel ou tel de ces systèmes ou de ces institutions (MAUSS, 1997, p. 565).

Pour Mauss, les représentations individuelles induisent des actions et pratiques sociales que les institutions normalisent par la politique traçant le cadre dans lequel les pratiques peuvent se déployer et influant en retour sur les représentations. Les institutions sont changeantes parce que ce sont des conventions sociales qui à la fois expriment et délimitent le champ des possibles; leur étude peut permettre d'acquérir “la conscience précise des faits et l'appréhension, sinon la certitude de leurs lois”, elle aide aussi à se détacher de cette “métaphysique” dont sont imprégnés “les mots en isme” comme capitalisme (MAUSS, 1997, p. 535). Affirmer l'existence d'une société capitaliste revient à supposer une coordination parfaite des représentations individuelles, il existe en réalité une dominante capitaliste puisqu' “un système économique se compose de mécanismes institutionnels contradictoires, irréductibles les uns aux autres.”

### **Des pratiques et des politiques pour un pluralisme économique**

En somme, pendant les Trente Glorieuses, l'économie empirique présente un alliage de libéralisme économique et de correctif social, toutefois le compromis qu'elle réalise a ses fragilités.

- Le monopole de la création de richesses par l'économie marchande y est avalisé. La croissance marchande doit être optimisée pour que les politiques sociales prennent le plus d'ampleur, puisqu'elles sont conditionnées par les prélèvements effectués sur l'économie de marché. Autrement dit, la solidarité est indexée sur les performances de l'économie marchande.
- Dans l'économie non marchande, les usagers se voyant garanti l'accès aux services grâce à la gratuité ou à la modicité des prix pratiqués sont parallèlement exclus de la conception de services qui leur sont pourtant destinés.

- Na economia não mercantil, os usuários, tendo acesso garantido aos serviços graças à gratuidade ou aos preços módicos praticados, são, ao mesmo tempo, excluídos da concepção de serviços que, no entanto, lhes são destinados.

Confortada pelo desabamento dos regimes comunistas, que valida o *slogan* segundo o qual não haveria uma alternativa viável, a ofensiva apoia-se sobre estas duas ambigüidades. A hipótese defendida é que o potencial da economia de mercado está obstruído por um conjunto de regras paralisantes. As políticas neoliberais emblemáticas do fim do século 20 dão confiança aos mecanismos de mercado para substituir regulações consideradas rígidas. Mas, enquanto se pensava assistir a um triunfo cultural do capitalismo e que a economia social, esquarterjada entre integração no mercado e complementaridade com o Estado social, tinha perdido muito do seu alcance político, uma multidão de iniciativas apareceu, preconizando a adoção de comportamentos solidários. Sobre vários continentes, os empreendimentos coletivos se multiplicam na agricultura biológica, no comércio equitativo, no consumo responsável, nas energias renováveis, na microfinança, nas moedas sociais, nos serviços de proximidade, no turismo solidário. Desenham os contornos de uma economia que retoma um projeto de transformação da economia a partir de compromissos cidadãos. Por isso, a imbricação entre o movimento da “altermundialização” e o reconhecimento das iniciativas solidárias. Não é por acaso que os debates dos fóruns sociais, mundiais, como locais ou continentais, atribuem um lugar crescente “a esta outra economia”, pois se trata de reatar a contestação política da globalização atual às práticas de cidadania econômica. Trata-se, mesmo reconhecendo a legitimidade da economia de mercado, de desconstruir o reducionismo que interpreta qualquer forma econômica a partir do único interesse material. O estudo histórico e empírico dos fenômenos econômicos destaca a sua realidade plural.

Esta diversidade deve ser reforçada por meios variados; por exemplo, abrindo o serviço público à expressão dos cidadãos que são os usuários, suprimindo as discriminações negativas das quais são vítimas as associações, abrindo espaço, na legislação, às empresas nas quais a propriedade não pertence aos detentores de capitais, mas às partes envolvidas na atividade, enquadrando ao mesmo tempo, institucionalmente, o mercado, por regras que têm a ver com a justiça e os direitos sociais.

Na seqüência de Callon (1999), poder-se-ia falar de uma necessidade “de enquadramento-superação” do mercado, enquadramento legislativo, mas também superação pelo recurso a outros princípios econômicos igualmente legítimos. De um lado é necessário ‘enquadrar’ o mercado: deste ponto de vista, as iniciativas solidárias, pelo seu conhecimento do funcio-

Confortée par l'écroulement des régimes communistes qui valide le slogan selon lequel il ne saurait y avoir d'alternative viable, l'offensive s'appuie sur ces deux ambiguïtés. L'hypothèse défendue est que le potentiel de l'économie de marché est entravé par un ensemble de règles paralysantes. Les politiques néolibérales emblématiques de la fin du vingtième siècle font confiance aux mécanismes de marché pour remplacer des régulations considérées comme porteuses de rigidités. Mais alors qu'on pensait assister à un triomphe culturel du capitalisme et que l'économie sociale, écartelée entre intégration sur le marché et complémentarité avec l'Etat social, avait perdu beaucoup de sa portée politique, une multitude d'initiatives sont apparues prônant l'adoption de comportements solidaires. Sur plusieurs continents, les collectifs foisonnent dans l'agriculture biologique, le commerce équitable, la consommation responsable, les énergies renouvelables, la microfinance, les monnaies sociales, les services de proximité, le tourisme solidaire... Ils dessinent les contours d'une économie qui renouent avec un projet de transformation de l'économie à partir d'engagements citoyens. D'où l'imbrication entre le mouvement de "l'altermondialisation" et la reconnaissance des initiatives solidaires. Ce n'est pas un hasard si les débats des forums sociaux, mondiaux comme locaux ou continentaux, accordent une place grandissante à "cette autre économie" puisqu'il s'agit de relier la contestation politique de la globalisation actuelle à des pratiques de citoyenneté économique. Il s'agit tout en reconnaissant la légitimité de l'économie de marché de déconstruire le réductionnisme qui interprète toute forme économique à partir du seul intérêt matériel. L'étude historique et empirique des phénomènes économiques met en évidence leur réalité plurielle. Cette diversité est à renforcer par des moyens variés ; par exemple en ouvrant le service public à l'expression des citoyens qui en sont les usagers, en supprimant les discriminations négatives dont sont victimes les associations, en faisant place dans la législation à des entreprises dans lesquelles la propriété n'appartient pas aux détenteurs de capitaux mais aux parties prenantes de l'activité, tout en encadrant institutionnellement le marché par des règles ayant trait à la justice et aux droits sociaux.

A la suite de M. Callon (1999), on pourrait parler d'une nécessité de "cadrage-débordement" du marché, cadrage législatif, mais aussi débordement par le recours à d'autres principes économiques également légitimes. D'un côté il est nécessaire de "cadrer" le marché: de ce point de vue les initiatives solidaires, par leur connaissance du fonctionnement réel des marchés peuvent formuler des propositions précises pour qu'ils soient plus respectueux des normes sociales et environnementales, ainsi le commerce

nemental des marchés, peuvent formuler propositions précises de modo a fim de que sejam respeitadas as normas sociais e ambientais. Assim, o comércio equitativo, pela voz "du Réseau européen des magasins du Monde", propôs um plano de ação internacional para as matérias primas agrícolas. Mas, a delimitação dos mercados, se for necessário, não pode ser suficiente. É indispensável, para superar a figura do mercado auto-regulador, que sejam reconhecidas plenamente outras formas de valorização dos bens e serviços.

São novos campos que se abrem para as políticas públicas européias, nacionais e locais. Na Europeu, os poderes públicos dispõem de uma alavanca através do mercado público que representa 15% do produto interno bruto da União: as cláusulas sociais e ambientais podem ser promovidas ao invés de sacralizar a concorrência pelos preços. Da mesma maneira, como já é praticada em regiões de diferentes países, as taxas e subsídios podem ser modulados em função das externalidades (impactos) positivas ou negativas que as empresas geram sobre a coletividade. No espaço nacional, as legislações recentes atestam a emergência de empresas sociais, prolongando os estatutos da economia social para levar em conta a igualdade entre as partes envolvidas na atividade econômica (assalariados, usuários, voluntários...): leis sobre as cooperativas sociais na Itália (1991), na Espanha (1999), leis sobre a sociedade com finalidade social na Bélgica (1995), em Portugal (1996), sobre a sociedade cooperativa de interesse coletivo na França (2001) e *community interest company* no Reino Unido. Nos espaços regionais e locais, as políticas econômicas não podem limitar-se a incitar as empresas a instalar-se no território; novas políticas em prol da economia solidária são elaboradas: o desafio é importante, visto que remediaram progressivamente as discriminações negativas das quais são vítimas as iniciativas que intervêm, ao mesmo tempo, em prol da coesão social, do emprego e da democracia participativa. Ainda é necessário que a principal mensagem ideológica do liberalismo, a saber, que só o mercado capitalista é inventor de riquezas e de empregos, seja rediscutida pelos eleitos.

A articulação entre resistência e construção passa pela introdução de lógicas solidárias nos atos econômicos mais comuns. Uma abordagem renovada de mudança social define-se assim: a colocação ao debate de práticas que visam à democratização da economia permite atacar concretamente "a naturalização" da economia mercantil dominante. Como mostrou Mauss, trata-se, além de reconhecer a legitimidade da economia de mercado, de desconstruir o reductionismo que interpreta qualquer forma econômica a partir do único interesse material. O estudo histórico e empírico dos fenômenos econômicos



équitable, par la voix du Réseau européen des magasins du Monde, a proposé un plan d'action international pour les matières premières agricoles. Mais le cantonnement des marchés, s'il est nécessaire, ne peut être suffisant. La figure du marché autorégulateur est performative il est indispensable, pour la "déborder", que soient pleinement reconnues d'autres formes de valorisation des biens et services. D'autres composantes de l'économie, associatives et publiques, sont à reconnaître pleinement.

Ce sont de nouveaux champs qui s'ouvrent pour les politiques publiques aux niveaux européen, national et local. Au niveau européen, les pouvoirs publics disposent d'un levier à travers les marchés publics qui représentent 15% du produit intérieur brut de l'Union: les clauses sociales et environnementales peuvent y être promues au lieu que soit sacralisée la concurrence par les prix. De la même façon, comme c'est déjà pratiqué dans les régions de différents pays, les taxes et aides peuvent être modulées en fonction des externalités positives ou négatives que les entreprises engendrent sur la collectivité. Au niveau national, des législations récentes attestent de l'émergence d'entreprises sociales, prolongeant les statuts de l'économie sociale pour une prise en compte égalitaire des parties prenantes de l'activité économique (salariés, usagers, volontaires...): lois sur les coopératives sociales en Italie (1991), en Espagne (1999), lois sur la société en finalité sociale en Belgique (1995), au Portugal (1996), sur la société coopérative d'intérêt collectif en France (2001) et la *community interest company* au Royaume-Uni. Aux niveaux régional et local, les politiques économiques régionales ne peuvent se contenter d'inciter les entreprises à s'installer sur les territoires; de nouvelles politiques en faveur de l'économie solidaire s'élaborent: l'enjeu est d'importance puisqu'il est de remédier progressivement aux discriminations négatives dont sont victimes des initiatives qu'interviennent à la fois en faveur de la cohésion sociale, de l'emploi et de la démocratie participative. Encore faut-il que le principal message idéologique du libéralisme, à savoir que seul le marché capitaliste est créateur de richesses et d'emplois soit remis en cause par les élus.

L'articulation entre résistance et construction passe par l'introduction de logiques solidaires dans les actes économiques les plus courants. Une approche renouvelée du changement social se précise ainsi: la mise en débat de pratiques visant la démocratisation de l'économie permet de s'attaquer concrètement à la "naturalisation" de l'économie marchande dominante. Comme l'a montré Mauss, il s'agit tout en reconnaissant la légitimité de l'économie de marché de déconstruire le réductionnisme qui interprète toute forme économique à partir du seul intérêt matériel. L'étude historique et empirique des phénomènes

destaca a sua realidade plural. Esta diversidade deve ser preservada por meios variados; por exemplo, abrindo o serviço público à expressão dos cidadãos que são os usuários, suprimindo as discriminações negativas das quais são vítimas as iniciativas de economia solidária, abrindo espaço na legislação às empresas nas quais a propriedade não pertence aos detentores de capitais, mas às partes envolvidas na atividade, enquadrando ao mesmo tempo institucionalmente o mercado por regras que têm a ver com a justiça e os direitos sociais. Ameaçada pela vontade de potência, a pluralidade torna-se a fiança de uma sociedade humana. Diversidades políticas e econômicas apoiam-se e mantêm-se mutuamente, reforçando ao mesmo tempo os diálogos interculturais. Não é necessário um transtorno brutal para dar lugar a tais transformações. Do imaginário da ruptura sucede um imaginário "das hibridações", fazendo referência a um mundo menos desigual, no qual as escolhas econômicas sejam submetidas a uma apreciação política permanente. O que importa é que, após a decepção da grande alternativa e do social-liberalismo, firma-se uma concepção renovada das mudanças sociais. Para caracterizá-la, citamos uma última vez Mauss (1997), evocando mudanças que "não necessitam de modo algum estas alternativas revolucionárias e radicais, estas escolhas brutais entre duas formas de sociedade contraditórias", mas que "se fazem e se farão por métodos de construção de grupos e de instituições novas do lado e acima das antigas." É nesta direção que é possível ir para uma oposição conseqüente aos efeitos devastadores do capitalismo contemporâneo, na linha do pensamento associacionista.

Sabendo que os equilíbrios social-democratas do século 20 não podem mais ser mantidos neste estado e que colocar a economia sob a dependência da política conduz ao totalitarismo, o desafio é inventar novas formas de regulação democrática da economia. Esta exigência supõe repôr em questão a principal mensagem ideológica do neoliberalismo, que só a economia de mercado é criadora de riquezas e empregos. Com efeito, a realidade não corresponde a esta representação, pois as formas de economia são plurais. A economia de mercado coabita com uma economia pública e com prestações efetuadas gratuitamente nos quadros familiares, amigáveis e associativos. Existem assim "outras economias" fundadas sobre as solidariedades e é importante substituir a difamação sistemática por um verdadeiro conhecimento, tornando-as mais visíveis. O seu reconhecimento e ampliação é uma condição para que cada um possa retomar o poder sobre os seus atos.

économiques met en évidence leur réalité plurielle. Cette diversité est à préserver par des moyens variés; par exemple en ouvrant le service public à l'expression des citoyens qui en sont les usagers, en supprimant les discriminations négatives dont sont victimes les initiatives d'économie solidaire, en faisant place dans la législation à des entreprises dans lesquelles la propriété n'appartient pas aux détenteurs de capitaux, mais aux parties prenantes de l'activité, tout en encadrant institutionnellement le marché par des règles ayant trait à la justice et aux droits sociaux. Menacée par la volonté de puissance, la pluralité devient le gage d'une société humaine. Diversités politique et économique se soutiennent et s'entretiennent mutuellement, tout en renforçant les dialogues interculturels. Ce n'est pas un bouleversement brutal qui peut donner lieu à de telles transformations. A l'imaginaire de la rupture, succède un imaginaire des "hybridations", faisant référence à un monde moins inégalitaire où les choix économiques soient soumis à une appréciation politique permanente.

Ce qui importe, c'est qu'après les déceptions de la grande alternative et du social-libéralisme, une conception renouvelée des changements sociaux s'affirme. Pour la caractériser, tournons-nous une dernière fois vers Mauss (1997) évoquant des changements qui "ne commandent nullement ces alternatives révolutionnaires et radicales, ces choix brutaux entre deux formes de société contradictoires" mais qui "se font et se feront par des procédés de construction de groupes et d'institutions nouvelles à côté et au-dessus des anciennes." C'est dans cette direction qu'il est possible d'aller pour une opposition conséquente aux effets dévastateurs du capitalisme contemporain, dans la lignée de la pensée associationniste.

Sachant que les équilibres sociaux-démocrates du vingtième siècle ne peuvent plus être maintenus en l'état et que placer l'économie sous la dépendance du politique conduit au totalitarisme, le défi est d'inventer de nouvelles formes de régulation démocratique de l'économie. Cette exigence suppose de remettre en cause le principal message idéologique du néo-libéralisme, à savoir que seule l'économie de marché est créatrice de richesses et d'emplois. En effet, la réalité ne correspond pas à cette représentation, les formes d'économie sont plurielles. L'économie de marché cohabite avec une économie publique et aussi des prestations effectuées gratuitement dans des cadres familiaux, amicaux et associatifs. Il existe ainsi d'"autres économies" fondées sur les solidarités et il est important qu'au dénigrement systématique dont elles font l'objet fasse place une véritable connaissance les rendant plus visibles. Leur prise en compte et leur amplification est une condition pour que chacun puisse reprendre du pouvoir sur ses actes.

## Referências

BELANGER, P. R.; LEVESQUE, B. La théorie de la régulation, du rapport salarial au rapport de consommation. Un point de vue sociologique. *Cahiers de recherche sociologique*, n. 17, Montreal, 1991.

BOURGEOIS, L. *Solidarité*. Paris: Colin, 1992.

BOYER, R. (Dir.). *La flexibilité du travail en Europe*. Paris: La Découverte, 1987.

BRAUDEL, F. *La dynamique du capitalisme*. Paris: Champs Flammarion, 1988.

CALLON, M. La sociologie peut-elle enrichir l'analyse économique des externalités? Essai sur la notion de débordement. In: FORAY, D.; MAIRESSE, J. *Innovations et performances*. Approches interdisciplinaires. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1999.

CÉRÉZUELLE, D. *Pour un autre développement social*. Au-delà des formalismes techniques et économiques. Paris: Desclée de Brouwer, 1996.

CHANIAL, P. L'association est-elle une politique? *Revue du MAUSS*. Paris: La Découverte, n. 16, p. 13-53, 2000.

\_\_\_\_\_. *Justice, don et association*. La délicate essence de la démocratie. Paris: La Découverte/MAUSS, 2001.

DE NANTEUIL, M.; EL AKREMI, A. *La société flexible*. Ramonville: Erès, 2005.

DONATI, P. *Sociologia del terzo settore*. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1996.

DONZELOT, J. *L'invention du social*. Essai sur le déclin des passions politiques. Paris: Fayard, 1984.

EWALD, F. *L'Etat-providence*. Paris: Le Seuil, 1986.

FERRY, J. M. *Les puissances de l'expérien*, tome 2. Paris: Éditions du Cerf, 1991.

HIRSCHMAN, A. O. *Les passions et les intérêts*, Paris: Presses Universitaires de France, 1980.

LAFORE, R. Droit d'usage, droit des usagers: une problématique à dépasser. In: CHAUVIERE, M.; GODBOUT, J.T. *Les usagers entre marché et citoyenneté*. Paris: L'Harmattan, 1992. p. 261-263.

LAZAR, M. La République à l'épreuve du social. In: SADOON, M. (Dir.). *La démocratie en France, deux. Limites*. Paris: Gallimard, 2000.

**Nota**

- 1 Alfred Fouillée (1838-1912), Léon Bourgeois Victor-August (1851-1925) et Célestin Bouglé (1870-1940).

**Jean-Louis Laville**

Docteur en Sociologie de l'Institut d'Études Politiques de Paris

Professeur au Conservatoire National des Arts et Métiers (CNAM, France)

Co-dirige avec A.D. Cattani la collection Sociedade e solidariedade: <[www.editore.ufrgs.br](http://www.editore.ufrgs.br)> est paru dans la collection: G. C. de França, J.-L. Laville, *Economia solidária, uma abordagem internacional*, Porto Alegre, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2004

**Conservatoire National des Arts et Métiers (CNAM)**

292 rue Saint-Martin F-75141  
Paris - France  
Cédex 03

LEROUX, P. *A la source perdue du socialisme français*. Anthologie établie et présentée par B. Viard. Paris: Desclée de Brouwer, 1997.

LEWIS, J. *Le secteur associatif dans l'économie mixte de la protection sociale*. Paris: MIRE/Fondation de France, 1997.

MARX, K. *Oeuvres complètes*. Paris: Pléiade, 1965.

MAUSS, M. *Ecrits politiques*. Textes réunis et présentés par Marcel Fournier. Paris: Fayard, 1997.

POLANYI, K. *La grande transformation*. Aux origines politiques et économiques de notre temps (traduction française). Paris: Gallimard, 1983.

VIENNEY, C. *L'économie sociale*. Paris: La Découverte, 1994.

WALZER, M. *Pluralisme et démocratie*. Paris: Éditions Esprit, 1997.

\_\_\_\_\_. Sauver la société civile. *Mouvements*, n. 8, Paris, 2000.

WEBER, M. *Histoire économique*. Esquisse d'une histoire universelle de l'économie et de la société (traduction française). Paris: Gallimard, 1991.

**Notas**

- 1 O decreto de Allarde e Le Chapelier, expedido no ano revolucionário de 1791, garantia a liberdade de trabalho e a de toda e qualquer coalizão e visava, em última análise, impedir o retorno às corporações de ofício e ao "ancien régime".
- 2 Alfred Fouillée (1838-1912), Léon Bourgeois Victor-August (1851-1925) e Célestin Bouglé (1870-1940).
- 3 Nota da tradução: ou *embededness* ou 'desenclausuramento'.

**Jean-Louis Laville**

Doutor em Sociologia pelo l'Institut d'Études Politiques de Paris

Professor do Conservatoire National des Arts et Métiers (CNAM, France)

Co-diretor com A.D. Cattani de la collection Sociedade e Solidariedade: <[www.editore.ufrgs.br](http://www.editore.ufrgs.br)> foi posta na coleção G. C. de França, J.-L. Laville, *Economia solidária, uma abordagem internacional*, Porto Alegre, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2004.